



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS**

**CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA  
DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA - PB**

**JOÃO PESSOA - PB**

**2023**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S237c Santos, Zoelly Cynthia dos.

Cadê as manas? A presença das mulheres e suas batalhas na dança breaking de João Pessoa - PB / Zoelly Cynthia dos Santos. - João Pessoa, 2024.  
72 f. : il.

Orientação: Ana Carolina Bezerra Teixeira.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Dança (Licenciatura) - TCC. 2. Mulheres - Dança.  
3. Breaking (Dança) - Mulher - João Pessoa, PB. I.  
Teixeira, Ana Carolina Bezerra. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 793.3(043.2)

ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS

**CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA  
DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr. Ana Carolina Bezerra Teixeira

João Pessoa – PB

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
BIBLIOTECA SETORIAL

Termo de Autorização para Publicação/Divulgação de Documento Eletrônico

1. Identificação do trabalho / autor

Título: CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS

NA DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA - PB

Autor: Zoelly Cynthia dos Santos CPF: 115319394-90

Telefone: 83 9 9607-8028 E-mail: zoellyc@gmail.com  
Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr. Ana Carolina de Bezerra Teixeira

2. Identificação do material bibliográfico

Mídia: DVD Formato: PDF Total de páginas:

66.

Data da aprovação: 14 / 11 / 2023.

Data da entrega da cópia eletrônica à Biblioteca Setorial do CCTA: 12 /04 / 2024.

3. Declaração do autor:

*Na qualidade de titular dos direitos de autoria da publicação supracitada, com anuência do orientador, de acordo com a Lei nº 9610/98, autorizo à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a disponibilizá-la gratuitamente em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica da Instituição, a partir desta data.*

João Pessoa, 12 /04 / 2024

João Pessoa, 12 / 04 / 2024

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANA CAROLINA BEZERRA TEIXEIRA  
Data: 12/04/2024 19:07:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do orientador

*Zoelly Cynthia dos Santos*

Assinatura do autor

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Ana Carolina Bezerra Teixeira (orientadora)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

---

Profa. Dra. Bárbara Conceição Santos da Silva

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

---

Profa. Liria de Araújo Morais

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aprovada em 14 de novembro de 2023

Nota 10.0

João Pessoa – PB

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No 14º dia do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três, às 14h30, na sala 10 do prédio Abacatão, no bloco C do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba - UFPB- realizou-se a cerimônia de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*Cadê as manas? A presença feminina e suas batalhas na dança Breaking de João Pessoa-PB*”, apresentado pela estudante Zoelly Cynthia dos Santos, matrícula nº 20180019857, habilitação Licenciatura em Dança, e examinado pelos professores:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Carolina Bezerra Teixeira UFPB (Orientadora)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANA CAROLINA BEZERRA TEIXEIRA  
Data: 12/04/2024 19:06:00-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Bárbara C. S. da Silva UFPB (Membro da Banca) \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Líria de Araújo Morais – UFPB (Membro da Banca)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** LIRIA DE ARAUJO MORAIS  
Data: 29/02/2024 23:10:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

O referido trabalho foi .

Média obtida

Na qualidade de presidente dos trabalhos, lavro esta Ata, da qual dou fé e subscrevo.

João Pessoa, 14 de novembro de 2023.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANA CAROLINA BEZERRA TEIXEIRA  
Data: 28/02/2024 15:29:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** BARBARA CONCEICAO SANTOS DA SILVA  
Data: 29/02/2024 11:04:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedico este trabalho a minha mãe Criselia, que passou por muita coisa e mesmo assim me ensinou a ser uma mulher forte e decidida, capaz de “dominar o mundo”. E a todas as pessoas que lutam para viver em um mundo melhor em que as mulheres possam ser livres e felizes, sem opressões.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família por me permitirem voar.

Obrigada mãe pelo seu amor e por me tornar a mulher que sou, sem você esse trabalho não seria possível. Obrigada irmão e irmãs por todo apoio e suporte para construir esse TCC. Obrigada pai, por me inspirar a seguir os mesmos passos de educadora.

Agradeço a minhas amigas e amigos de curso e da vida, assim como todas(os) professores do curso.

Agradeço a minha família do *Breaking*, a todas as manas, as minhas inspirações e amizades.

Obrigada *Bboy Mago*, por tudo que já me ensinou.

Agradeço a minha orientadora Carolina Teixeira, por me inspirar e me acompanhar em todo trajeto.

Agradeço a todas(os) que de alguma forma me ajudaram ou atrapalharam.

Agradeço aos meus gatos por serem meus suportes emocionais e por encherem minha vida de felicidade.

E principalmente agradeço a Zoelly Cynthia dos Santos, porque por mais sofrido que tenha sido o trajeto, eu não desisti de mim e fui presenteada com o orgulho de ver este trabalho finalizado.

**Eu mulher**  
**Uma gota de leite me**  
**escorre entre os seios.**  
**Uma mancha de sangue**  
**me enfeita entre as**  
**pernas.**  
**Meia palavra mordida**  
**me foge da boca.**  
**Vagos desejos insinuam esperanças.**

**Eu-mulher em rios vermelhos**  
**inauguro a vida.**  
**Em baixa voz**  
**violento os tímpanos do mundo.**  
**Antevejo.**  
**Antecipo.**  
**Antes-vivo**

**Antes – agora – o que há de vir.**  
**Eu fêmea-matriz.**  
**Eu força-motriz.**  
**Eu-mulher**  
**abrigo da**  
**semente**  
**motocontínuo**  
**do mundo.**

**Conceição Evaristo**

## RESUMO

O presente trabalho objetiva trazer uma análise feminista, sobre as realidades de algumas dançarinas de *Breaking* residentes da cidade de João Pessoa-PB, buscando compreender a presença das mulheres nessa dança, predominantemente praticada por homens, e como esse principal aspecto interfere na permanência deste público. A pesquisa se utiliza do método da pesquisa-ação, além da utilização de entrevistas guiadas por um questionário base. A análise constatou que sob diversas formas, a mulher ainda sofre com a predominância de homens no *Breaking*, que reflete o machismo e sexismo estrutural. O trabalho revela as especificidades do público feminino nessa cena, além de evidenciar as redes de apoio, que proporcionam engajamento, ambientes seguros para que *bgirls* e *bboys* possam praticar juntas(os) o *Breaking*.

**Palavras chave:** mulheres; feminismo; breaking.

## **ABSTRACT**

This paper aims to provide a feminist analysis of the realities of some Breaking dancers living in the city of João Pessoa-PB, seeking to understand the presence of women in this dance, which is predominantly performed by men, and how this main aspect impacts in the permanence of this public. The research uses the action research method, as well as interviews guided by a basic form. The analysis found that, in many ways, women still suffer from the predominance of men in Breaking, which reflects a structural sexism. The work reveals the specificities of the female community in this scene, as well as highlighting the support networks that provides engagement, safe environments for bgirls and bboys to practice Breaking together.

**Keywords:** women; feminism; breaking.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>MULHERES E O MOVIMENTO FEMINISTA</b> .....	15
2.1	Mulheres na Dança .....	20
<b>3</b>	<b>MULHERES E O BREAKING</b> .....	24
<b>4</b>	<b>MANAS: DANDO VOZ AS SUAS BATALHAS</b> .....	30
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42
	<b>ANEXOS</b> .....	45



## 1 INTRODUÇÃO

*Eu não queria ser feminista  
Eu não deveria ser feminista  
Em pleno século XXI minha gente, feminismo não deveria nem existir...  
Calma sociedade, não comece a sorrir  
É porque mulheres não tinham que precisar resistir tanto assim*

*É até difícil de imaginar  
Que em uma era tão tecnologia eu ainda tenha que implorar  
Para que por onde eu passar  
Todos possam me respeitar.*

*Eu detesto ser feminista  
Mas...diante de uma sociedade tão egoísta  
Eu não tenho opção  
Porque ainda vemos mulheres sendo abusadas no ônibus  
Tawane Teodoro<sup>1</sup>*

A história é marcada por períodos trágicos de mulheres que sofreram inúmeras violências e privações. Existe uma lista infinita de discursos utilizados pelos homens e até outras mulheres para legitimar essa concepção de que mulher é um ser inferior. A nossa contemporaneidade tem sido marcada por lutas que de certa forma favoreceram as mulheres e as permitiram ganhar vez e voz, lutas essas guiadas por movimentos como o feminismo, por exemplo. Porém, mesmo com tantas lutas, a sociedade ainda insiste em seguir padrões opressores, em todos os campos, em todas as áreas, o sexismo e o machismo se fazendo presente, sejam eles sutis ou não.

Enquanto mulher, convivo diariamente com situações que me fazem refletir, me revoltar ou me intimidar. Desde mais jovem, questionamentos surgiam por meio de experiências em meu próprio lar, pois minha mãe enquanto principal educadora, trazia argumentos e

---

<sup>1</sup> Tawane Theodoro, 21 anos, nasceu e cresceu no bairro do Capão Redondo, zona sul de São Paulo. É poeta e se encontrou na poesia no ano de 2016 por meio do Cursinho Popular Carolina de Jesus, que abriu portas para a artista ingressar no meio cultural. Desde então não parou mais. É uma das organizadoras do Sarau do Capão que acontece há mais de 3 anos e do Slam do Bronx que acontece há pouco mais de um ano. Além disto, também é uma das poetisas formadoras do Slam Interescolar, projeto do Slam da Guilhermina contemplado pelo Fomento à Cultura da Periferia, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.< <https://camasantacasa.com.br/tawane-theodoro/>>

justificativas que a sociedade era perigosa para garotas e mulheres. Segundo ela, eu estaria sujeita a situações de assédio e estupro, e portanto, seria necessário o dobro de cuidado e cautela ao sair de casa. Posicionamentos estes que mudavam quando se tratavam do meu irmão mais velho, que por ser homem, possuía maior autonomia e liberdade para sair.

A lembrança que tenho mais forte comigo era o desejo de ter nascido menino, pois só assim eu conseguiria ter liberdade para ser e fazer tudo que eu quisesse, mal sabia que o meu desejo na verdade era ter os mesmos direitos que os homens, e que todo aquele sentimento tinha uma essência feminista.

Aos dezesseis anos de idade eu conheci de fato o movimento feminista, por meio de professoras do ensino médio, com isso busquei estudar um pouco mais e entender sobre o porquê de todos aqueles questionamentos que viviam presentes em minha mente e corpo. E unido a esses crescentes entendimentos, minha construção enquanto artista também se fazia presente.

Desde criança, minha vida já conversava com diversas expressões artísticas, como desenho, dança, teatro e artesanato, mas foi na adolescência que a dança se fez mais forte. A dança já fazia parte de mim desde muito jovem, porém ao assistir os vídeos clipes de Michael Jackson e filmes clássicos de dança eu percebi que meu amor por essa arte era diferente das outras. Mesmo tentando seguir o padrão de tentar iniciar com o clichê *Ballet* – me refiro clichê, por ser a principal dança ofertada para crianças do sexo feminino - compreendi que meu corpo respondia melhor para as danças urbanas do que para o *Ballet*, no qual nunca me senti pertencente. Foi nesse momento que eu conheci a dança *Breaking*.

Essa nova experiência, à época, me trouxe várias inquietações e reflexões a respeito dos sexismos que existiam, pois o *Breaking*, é uma dança que historicamente possuía e possui uma carga sexista e machista, devido a predominância de homens praticantes em toda sua trajetória de criação. Contudo, mesmo com essa carga histórica, não existem palavras adequadas para descrever o quanto eu me apaixonei por essa dança, e principalmente quando eu assisti a paraibana *bgirl Jacky*<sup>2</sup> em uma roda batalhando<sup>3</sup> com outros *bboys*. Ao ver uma mulher dançando e batalhando contra outros homens, serviu como inspiração para eu iniciar de fato no

---

<sup>2</sup> Jack Keysy, natural de Campina Grande, é graduada em Licenciatura em Dança pela UFPB, pesquisadora da cultura hip hop e *bgirl* desde 2009.

<sup>3</sup> Sinónimo de duelo, comumente utilizado nas danças urbanas em que dançarinas(os) disputam quem executará a melhor performance. Sobre o *Breaking*: “As batalhas se caracterizam, então, pela escolha aleatória de uma música e pela improvisação dos dançarinos. Assim, durante a dinâmica da disputa, o dançarino “quebra” o outro ao dificultar e/ou superar suas movimentações. Ao final da batalha, os jurados determinam qual dançarino venceu o rival na superação de suas movimentações” (Marques, [s.d.]).

*Breaking*. Desde então toda a minha trajetória vem sendo construída nessas bases que buscam questionar sobre o lugar da mulher nessa dança.

Ao ter contato com o *Breaking*, busquei locais que oferecessem aulas para iniciantes ou redes de apoio que me permitissem ter um maior contato, para que de alguma forma eu aprendesse com pessoas mais experientes. A experiência inicial não foi agradável, devido ao assédio de homens que causava desconforto, não era, neste caso, a real intenção de me oferecer apoio e ensinamentos. Essas foram experiências que amigas minhas também vivenciaram, ou seja, fomos reduzidas apenas ao sexual e não enquanto alguém com potencial de aprendizado.

Neste aspecto, tive dificuldade de encontrar um novo local que de fato oferecesse aulas de *Breaking*, prejudicando assim o meu aprendizado. Entretanto, com apoio de algumas pessoas descobri o projeto *Looney Tunes Kids*<sup>4</sup>, um projeto comunitário que tem por objetivo ensinar *Breaking* para as pessoas interessadas, além de divulgar a dança e preparar *bgirls* e *bboys* para o campo profissional e competitivo. Esse projeto me ofereceu um local seguro e com a real intenção educacional para pessoas interessadas em aprender a dançar *Breaking*. Este projeto se tornou minha rede de apoio, o que me permitiu ampliar meus conhecimentos de dança.

Em 2018, ao ingressar no curso superior de Dança na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a minha trajetória de vida com relação aos estudos sobre o movimento feminista e o meu vínculo com a *Cultura Hip Hop*, se tornou meu principal campo de investigação e reflexão, pois com o entendimento do feminismo, foi possível analisar em minhas vivências no *Breaking*, situações e comportamentos que colaboravam ou não para a permanência da mulher nessa dança. Além disso, mesmo não havendo disciplinas no curso com ênfase em danças urbanas, eu tive a oportunidade de conhecer meu corpo e a potência que ele é capaz, como também em diversas disciplinas experimentei criações em dança ou reflexões teóricas que me levaram a entender mais qual seria meu propósito em estar no curso de Licenciatura em Dança e quais eram meus objetivos enquanto pesquisadora, no qual me tornei.

Com efeito, questionar sobre a permanência da mulher no *Breaking* se tornou o estímulo para a construção deste trabalho. Busca-se aqui trazer reflexões sobre como algumas dançarinas de *Breaking*, da cena urbana de João Pessoa-PB, se legitimam em uma dança caracterizada majoritariamente por homens, realizando este estudo por meio de um embasamento teórico feminista.

---

<sup>4</sup> Criado em 2015 pelo grupo Looney Tunes Crew, atualmente as aulas são ministradas somente aos sábados, em uma Associação de moradores localizada no bairro dos Funcionários em João Pessoa-PB.

Para fazer essa análise logo no primeiro capítulo, foi necessário um breve contexto histórico do movimento feminista, assim como exemplos de mulheres importantes para a dança moderna e contemporânea até chegarmos na construção do segundo capítulo que discorrerá acerca da Cultura *Hip Hop*, seus contextos históricos e sociais e sua principal dança, o *Breaking*.

A partir desses entendimentos pretende-se desenvolver essa pesquisa com o método de pesquisa-ação, que segundo Thiollent (1947, p.7), “a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante”. Dessa forma, consiste em uma pesquisa orientada pela elaboração de um diagnóstico de algum problema e a busca por possíveis soluções. Por fim, o capítulo terceiro apresenta, em diálogo com as questões trazidas anteriormente, os depoimentos de mulheres e homens a respeito do tema em questão. Essas entrevistas realizadas com nomes da cena *Breaking* paraibana irão alimentar o corpo da pesquisa para uma melhor fundamentação teórica e prática desta investigação.

A pesquisa em questão terá a finalidade de entender a realidade de algumas mulheres presentes na cena *Hip Hop* de João Pessoa, assim como trazer as minhas próprias vivências também, acreditando que eu faço parte dessa linha de pesquisa enquanto mulher e dançarina de *Breaking*. Além disso, é de suma importância acrescentar nesta pesquisa o ponto de vista de alguns *bboys*, principalmente os que atuam no ensino, para entender seu ponto de vista enquanto professores.

Observo que neste trabalho não existe a intenção de chegar a uma conclusão absoluta sobre a problemática analisada, pois esta pesquisa se caracteriza pela necessidade de promover/provocar o debate sobre uma realidade urgente de questionamentos e transformações políticas no campo das danças urbanas. Podendo haver necessidade de uma pesquisa continuada e mais embasada teoricamente em nível de pós-graduação.

## 2 MULHERES E O MOVIMENTO FEMINISTA

*Vemos relações abusivas virando, coisa normal...ou melhor*

*Coisa de casal*

*Ninguém liga pra mulher e pra sua dor*

*Fazem ela acreditar que tudo isso é amor*

*Vemos a mídia a todo momento nos dizendo que não estamos no padrão*

*E que não teremos a menor condição*

*De chegar ao que é considerado bonito pra toda nação.*

*Passamos o dia escutando*

*Que as mulheres não estão se respeitando... Quando vão entender que no*

*nosso corpo somos nós que estamos no comando?*

*Percebemos que quando estamos na rua, a noite, sozinhas e observamos um cara se aproximar*

*Já começamos a acelerar, o coração disparar, começamos a rezar...*

*“Que seja só um assalto, e que só levem o meu celular*

*Tawane Teodoro*

Para que se construa uma linha de pensamento eficaz nesse trabalho é necessário abordar e contextualizar um dos pilares principais da nossa pesquisa, que diz respeito ao *movimento feminista* e como esta causa social influenciou, e influencia, mulheres a se tornarem cidadãs, livres e combativas frente à desvalorização social por conta do seu gênero. Segundo Bell Hooks (2015, p.10), o feminismo é “um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”.

A história da humanidade é marcada por períodos que, de várias formas, atingiram negativamente a forma em que a mulher vivia em sociedade. Na tentativa de subverter tal condição ou instituir algum tipo de mudança ou reparação, foi necessário o surgimento de revoltas e movimentos como o feminismo, por exemplo, para que as mulheres pudessem usufruir de seus direitos e deveres como qualquer outro cidadão. Ainda sobre o conceito de feminismo, faz-se relevante ressaltar:

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois esse termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de

transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias (Alves, Pitanguy, 1985, p.7).

Como Alves e Pitanguy (1985), apontam acima, faz-se necessária a compreensão do feminismo para além de sua nomenclatura ou *slogan* atual. É preciso trazeremos um breve contexto histórico de acontecimentos no mundo, assim como no Brasil, para entendermos sobre as opressões que existiram e ainda existem, assim como a potência do movimento feminista, além de entender como este serviu como pilar para a construção da pesquisa em questão. Também é válido salientar que esse aparato é referente à história ocidental, com influência principalmente da Europa e Estados Unidos, até chegar ao Brasil.

Segundo Mussman *apud* Aquino (2012), na idade primitiva não existia a relação de inferioridade, pois todos os papéis de homens e mulheres eram importantes promovendo uma sociedade mais igualitária. Porém, a partir do momento em que a propriedade privada da terra passa a balizar as condições de reprodução social da vida, alinhada ao desenvolvimento dos meios de produção e da agricultura. A mulher é histórica e socialmente inserida nesse movimento meramente como objeto; como peça fundamental para o desenvolvimento produtivo da agricultura, mas impossibilitada de ser a detentora da propriedade da terra.

Nesse contexto histórico, e também a partir de Aquino (1980), pode-se afirmar que com a propriedade privada da terra potencializa-se o acúmulo de riquezas, e para que essas riquezas passassem para as outras gerações enquanto herança, era necessária a legitimidade dos laços de sangue. Portanto, a ideia de que a mulher deveria ser virgem e fiel ao casamento se faz com a concepção da certeza do laço sanguíneo, para que pudesse se repassar a herança. Além disso, mostra-se relevante destacar que a herança em questão era destinada ao filho homem.

Em continuidade a esse escopo histórico ocidental e no contexto da idade média, como reforça Alves e Pitanguy (1985):

Ao fazer este breve relato da posição da mulher na Idade média não se poderia deixar de comentar a perseguição que se abateu então sobre ela e que ficou conhecida como a “caça às bruxas”. Neste período, essencialmente teológico, a “maldição bíblica da Eva” acompanharia mais que nunca a mulher. Se bem que existia uma contradição interna no pensamento da igreja medieval no que concerne à posição da mulher, oscilando entre as figuras de Maria, exaltada, e Eva, difamada, o que prevalece na mentalidade eclesiástica da época é a formação e o triunfo do tabu sexual (Alves e Pitanguy, 1985, p.20).

Neste caso, é possível perceber que o Cristianismo com a Santa Inquisição contribuiu também na legitimação das opressões, violências e privações para com a mulher como também foi responsável por milhares de mortes e torturas, com a justificativa de que o corpo feminino seria a fonte de malefícios, se baseando no ideário bíblico de Eva, enquanto ser maligno e responsável pelas tentações do mundo. Do contrário, a mulher deveria seguir o comportamento santificado e submisso como a figura da Virgem Maria. O fato é que nenhuma das posições favoreceram a mulher da Idade Média.

Após a Idade Média, podemos dar um breve salto para o século XVIII, pois o mundo enfrentava drásticas mudanças com forte influência das ideias iluministas e liberais, e a queda do poder religioso dando lugar para a ciência. Dessa forma, grandes revoluções aconteceram, como a Revolução Francesa e Industrial, contudo, mesmo sendo revoluções marcantes para a história da humanidade, as mulheres não viam conquistas políticas favoráveis ao seu sexo. Foi a partir desse momento que o feminismo inicia seu movimento enquanto prática política.

Primeiramente, o movimento é marcado por lutas de mulheres revolucionárias francesas que perceberam que as ideias da revolução não condiziam com a prática, pois a condição de liberdade, igualdade e fraternidade só se aplicava ao homem. Visto isso, houve a primeira articulação política, a fim de revogar o domínio masculino sobre o corpo feminino por meio do casamento, dessa forma, reivindicando-se o direito ao divórcio, além do acesso à educação, trabalho e igualdade salarial.

Por esses motivos, podemos perceber que esta foi a primeira luta com características politizadas, e marcada na história, que inicia todo o movimento que hoje conhecemos como feminismo, mesmo sem a utilização propriamente desse termo neste período. Ressalta-se, por outro lado, que todo esse processo reivindicatório foi primeiramente idealizado por mulheres com melhores condições financeiras, por possuírem o acesso às literaturas revolucionárias, devido a suas uniões matrimoniais com homens importantes para as revoluções.

A partir desse momento, outros países da Europa como a Inglaterra, além dos Estados Unidos, no continente norte-americano, vão sendo influenciados por essas lutas. Isto posto, as mulheres frente a esses movimentos e reivindicações com características igualitárias perceberam que para que houvesse êxito em suas batalhas era necessário igualdade também no campo da política, ou seja, era necessário que as mulheres desfrutassem do direito ao voto, iniciando dessa forma a luta sufragista do século XIX e XX, como reforça Gurgel (2010):

A luta sufragista surge neste contexto. As mulheres defendiam que o sufrágio universal possibilitaria o acesso das mulheres ao parlamento e por conseguinte abriria

a possibilidade de mudança no conjunto das leis e instituições. A luta sufragista também possibilitaria uma ampla aliança entre as mulheres, unificando posições políticas diferente (Gurgel, 2010, p.3).

Em concordância com a afirmação de Gurgel, como esse período se caracterizava como industrial, as mulheres menos abastadas também passaram a trabalhar nas fábricas, enfrentando grandes jornadas de trabalho, sofrendo inúmeras violências e estupros frequentes, além disso tendo que assumir as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos. Contudo, elas também estavam sob influência desse movimento feminista que crescia cada vez mais. Neste sentido, o movimento feminista, à época, teve o entendimento de que a classe trabalhadora comportava a maior parte da população, representando, assim, uma grande capacidade de mobilização social. Logo, a união desses grupos com ideais semelhantes, em sua maioria de esquerda sob influência do pensamento Marxista, constituiria a força do movimento.

Apesar disso, mesmo com a unificação para uma luta em grande proporção à luz o direito ao voto, cada grupo de mulheres contestavam alguns direitos diferentes, pois as mulheres mais abastadas lutavam para o direito à propriedade privada da terra, acesso à educação igualitária para homens e mulheres, como também o direito ao divórcio e a não submissão. Diferentemente das mulheres da classe trabalhadora: essas desejavam a diminuição da jornada de trabalho, melhores salários, como também o fim dos estupros nas fábricas e a violência doméstica. E, se fizermos uma análise minuciosa, as reivindicações se diferenciavam ainda mais quando se tratavam de raça, com relação às mulheres brancas e mulheres negras ou não brancas (indígenas etc.).

Ganhando proporções ainda maiores as *Suffragettes* como ficaram conhecidas, realizaram inúmeros atos, sejam em matérias de jornais, passeatas, propagandas, sendo as mulheres inglesas influenciando várias regiões do mundo devido às suas atitudes reacionárias como reforça Tosi (2016):

As manifestações organizadas pelo movimento utilizaram quatro frentes de ação: propaganda, desobediência civil, não violência ativa e confronto físico. O grupo chamou a atenção da opinião pública, ganhou notoriedade e influenciou outras sufragistas pelo mundo (Tosi, 2016, p. 104).

No Brasil, a história se fazia semelhante. Após a proclamação da República, a industrialização no território nacional se intensificou, e dessa forma as mulheres trabalhadoras também sofreram como as europeias, enfrentando jornadas de trabalho exaustivas, salários

inferiores aos dos homens e, principalmente, as violências e estupros. Sob influência internacional, as mulheres brasileiras iniciaram seus protestos e reivindicações que trouxessem melhores condições de trabalho e principalmente o direito ao voto, sendo essas mulheres conhecidas como *Suffragettes* brasileiras.

Portanto, para que finalmente o objetivo de votar fosse conquistado, muitas contribuições tiveram que ser feitas nos variados Estados do Brasil, como Rio Grande do Norte e Bahia, até ser sancionado na constituição o direito de as mulheres votarem no governo de Getúlio Vargas, como reforça Tosi: “Em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, foi sancionado o Decreto nº 21076. A norma garantiu o direito de voto para as mulheres. O sufrágio feminino ganhou status constitucional na Constituição brasileira de 1934” (Tosi, 2016, p. 105).

Entretanto, mesmo com a conquista ao voto e sua implementação constitucional, o feminismo no Brasil passou por uma fase de silenciamento devido ao Golpe militar de 1964, e só volta à tona na década de 1970, com novos métodos de discussões sobre a situação da mulher no Brasil. Além da influência novamente do cenário internacional, que se caracterizava por fortes ondas feministas, as discussões tornavam-se cada vez mais frequentes. Discussões estas trazidas pelas brasileiras que haviam sido exiladas do país e retornam ao Brasil, como afirma Pinto (2004):

As mulheres exiladas nos Estados Unidos e na Europa voltavam para o Brasil trazendo uma nova forma de pensar sua condição de mulher, em que somente os papéis de mãe, companheira e esposa (submissa e dócil) não mais serviam. (Pinto, 2004, p. 239).

Isto posto, dissertamos brevemente sobre o panorama histórico no que concerne à participação da mulher na sociedade, e todo contexto inicial de um movimento, que traz consigo uma trajetória de lutas de extrema importância para a busca de equidade entre mulheres e homens. O movimento feminista não possui relevância apenas no campo profissional ou político, permite também a construção de pensamentos e reflexões em numerosas áreas sociais. A fim de promover a cada pequeno núcleo da sociedade, uma oportunidade de tornar esses ambientes mais igualitários, buscando diminuir ou até mesmo extinguir opressões e violências que fazem a vida das mulheres e homens, principalmente as mulheres, cada vez mais difíceis.

Podemos acrescentar como já dito anteriormente, e novamente reforça-se que de acordo com Bell Hooks (2015, p. 10), “o movimento feminista se constitui em lutas não homogêneas, pois a lutas das mulheres brancas e privilegiadas são diferentes das lutas de mulheres negras ou

não brancas (indígenas, entre outras) não privilegiadas”. E ainda de acordo com a autora, é válido trazer a percepção de que o propósito principal do movimento feminista é o “fim do sexismo, exploração sexista e opressão” (Hooks, 2015, p. 10) para que não haja dominação masculina, nem as violências que essa estrutura social de dominância promove.

## 2.1 MULHERES NA DANÇA

Retomando a discussão anterior, o feminismo tem como objetivo principal o fim da opressão feminina e a construção de uma sociedade sem desigualdades de gênero, manifestando-se inclusive em setores específicos, como no caso da arte e, mais precisamente, da dança. Isto significa que em todos os campos, não apenas pelo direito ao voto, as mulheres buscaram e buscam seu espaço. Na dança, podemos contextualizar também mulheres que contribuíram significativamente para a busca do espaço feminino na sociedade, ou mais do que isso, trazem seus modos de entender a própria sociedade e marcar seus nomes na história, não necessariamente trazendo o movimento feminista como pauta principal, mas devido a sua relevante contribuição podemos perceber o feminismo intrinsecamente presente.

A respeito destas considerações podemos exemplificar, primeiramente no contexto internacional, a Isadora Duncan (1877-1927) e Mary Wigman (1886-1973), em que por meio de seus trabalhos artísticos buscaram diferenciar-se e denunciar padrões sobre o ideal feminino, promovendo questões libertárias. Entretanto, ambas coreógrafas possuíam metodologias diferentes para seus trabalhos com a dança. Isadora Duncan traz para suas obras uma visão de mulher bela, com trajes inspirados nas vestimentas gregas a fim de resgatar o ideal de beleza universal cultivado pelos gregos, além disso ela resgata essa indumentária neoclássica como forma de não aceitação aos padrões de uso dos espartilhos comumente utilizados em sua época, que limitavam seus movimentos não a permitindo dançar livremente, como afirma Munevar (2013):

Esta forma de ver, e mesmo admirar, o corpo do período neoclássico foi afastada durante a época vitoriana e recuperada, na sua prática artística, por Duncan. No seu caso, a utilização da túnica grega solta e ligeira contém duas posições axiais do seu programa: de um lado, rebela-se contra o uso do corpete que considera restritivo do movimento livre, e, por outro, permite a exposição de partes do corpo que a sociedade da época exigia ocultas (Munevar 2013, p. 2).

Isadora Duncan percebia que as pessoas de sua época haviam abandonado seus costumes e relações com a natureza, tornando-se pessoas mais engessadas com movimentos técnicos e

inconscientes, crítica essa também para o ballet da época. E para resgatar a relação com a natureza, Isadora traz para seus trabalhos uma dança executada sem regras engessadas, seguindo apenas os movimentos naturais do seu corpo para que alcançasse a liberdade absoluta e até a busca da mulher universal.

Diferentemente de Duncan, que trazia em suas apresentações uma ideia de mulher com sua beleza natural, acentuada e valorizada, a coreógrafa alemã Mary Wigman utilizava-se de trajes escuros e com tecidos mais rígidos que não expusessem seu desenho corporal, mas que também trouxesse a figura de uma mulher poderosa. Além disso, Wigman percebia uma possibilidade de romper com a dualidade mente e corpo que estavam sendo fortemente propagada pelo iluminismo, trazendo questões que evocassem mais o instinto do que a racionalidade, também com o objetivo de ir contra o comportamento engessado da sociedade de sua época.

Porém, enquanto Duncan propagava o belo, Wigman buscava usar o instinto para trazer características de um ser humano mais bestial o qual reforça Munevar (2013):

Da mesma forma que Duncan, Wigman vai fazer apelo a um estado de natureza pré-civilização enquanto fonte de inspiração, mas ao contrário da primeira que se foca nos movimentos harmoniosos e belos, Wigman vai-se preocupar pela bestialidade, pelos instintos não contidos presentes nos animais e nos seres humanos como forma de recuperar a expressão autêntica, não embelezada mediante artifícios. A ênfase de Wigman nos instintos é resultado do êxito da nomeada arte primitiva. Com a ideia de que o homem moderno precisava de voltar aos instintos e às emoções para balancear o domínio do intelecto e cansados da estilização que, no seu olhar, esvaziou de sentido a arte ocidental (Munevar, 2013, p.8).

Com efeito, mesmo com metodologias diferentes, ambas artistas promoveram em seus trabalhos críticas para com as opressões e padrões que a sociedade impunha.

Trazendo para o contexto nacional, podemos exemplificar mulheres como Maria Duschenes (1922-2014) e Angel Vianna, que trouxeram e trazem contribuições significativas para a história da dança moderna e contemporânea no Brasil. Além disso, possuem características pedagógicas em suas danças e trabalhos.

Mesmo que nascida na atual Hungria, Maria Duschenes foi naturalizada brasileira, e segundo Isabel Marques (2010, p. 66) trouxe os ensinamentos de Laban para o território nacional “[...] principalmente pela via da educação para professores e crianças, mas seu trabalho nunca deixou de ter vínculo com a formação artística”. Assim como em sua trajetória artística

bebeu também de conhecimentos de mulheres já citadas em nosso trabalho, como a Isadora Duncan e Mery Wigman.

Dona Maria Duschenes, assim como Wigman, trouxe para seus trabalhos e principalmente no Brasil, a não dissociação de corpo e mente, pensamento este que estava sendo perpetuado no século XX. Ademais, devido a sua forte relação no campo educacional, Duschenes abordava em seus trabalhos as relações entre arte, ciência e educação, como afirma Paiva (2020):

No trabalho de Maria Duschenes era enfatizado à indissociabilidade entre mente e corpo; à potencialização da relação entre arte, ciência e educação: ensino, teoria e prática; à valorização e redimensionamento da relação entre prática artística e pedagógica; à compreensão de cada ser humano como um ser singular; o fomento a improvisação como processo e produto artístico e a dança coral como uma poética do encontro para profissionais e não profissionais da dança (Paiva, 2020, p. 279).

Sobre a Angel Vianna, podemos caracterizá-la segundo Freire (2021, p. 220) como alguém que juntamente com seu esposo Klaus Vianna, se influenciou pelo modernismo brasileiro e passou por um processo de desprendimento de questões coloniais que muitas vezes eram impostas no próprio corpo. Além disso, outra característica pedagógica da Angel seria a sua multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, oferecendo em sua escola outras aulas além da dança como cinesiologia, por exemplo, a fim de trazer um conhecimento do corpo e das artes ainda mais minucioso e aprofundado para nutrir suas construções em dança.

Ademais, Angel enquanto mediadora valorizava cada corpo que dançava como algo único, singular, capaz de contribuir com suas próprias vivências, além da percepção sensorial, no qual levou para as técnicas somáticas, trazendo também sua grande contribuição para a dança contemporânea e o entendimento de corpo, como afirma Fazenda (2007):

A dança contemporânea de Angel Vianna vem atravessando toda a nossa forma de compreensão e análise crítica, ao longo de 70 anos de história contemporânea brasileira das artes, com uma abrangência que afetou e determinou os novos rumos dos saberes do corpo e das “ciências coreográficas (Fazenda, 2007, p. 24).

Importante mencionar que o destaque dado neste trabalho para nomes de figuras femininas, com grande importância para a dança em nível internacional e nacional, exige uma crítica, por se tratar de mulheres brancas influenciadas pela dança produzida na Europa e Estados Unidos, danças essas com características mais elitistas ou de classe média.

Enquanto todo o foco artístico e pedagógico da cena brasileira, estava sendo voltado para estas danças, outras manifestações populares surgiam, cresciam e se faziam presentes em suas comunidades e periferias, com pessoas principalmente negras e indígenas etc, tanto no Brasil, quanto no exterior, como o forró brasileiro e o *Breaking* estadunidense, atrelado a cultura *Hip Hop*, por exemplo.

### 3 MULHERES E O *BREAKING*

*Acha que ainda assim é mimimi*

*Conversa fiada?*

*Como já escutei muitas vezes...*

*Falta de vergonha na cara?*

*Vamo ser mais didática então*

*Vamo jogar estatística*

*Já que o óbvio parece que saiu de questão*

*O Brasil é o 5º país mais violento para mulheres do mundo*

*A cada dia o feminicídio aumenta E com a mulher preta*

*a estatística é ainda mais violenta.*

*Homicídio de mulheres negras aumentou 54% em 10 anos*

*A cada 11 minutos uma mulher é estuprada*

Tawane Teodoro.

Não se pode falar da dança *Breaking*, sem contextualizar todo o movimento *Hip Hop*. De forma breve, o *Hip Hop* surgiu no final da década de 1960 no bairro Bronx (Nova Iorque), nos Estados Unidos. Segundo Fialho (2008, p.3), o país vivia em um processo de pós industrialização e o Bronx, que antes era um lugar valorizado, se tornou um território de desemprego e pobreza, logo após a construção da linha férrea, fato responsável pela desvalorização do bairro. A violência e o consumo de drogas passaram a se intensificar nesse local, estimulando a formação de gangues por parte dos moradores.

Boa parte do Bronx foi ocupada por pessoas afro-americanas, imigrantes latinos, principalmente jamaicanos e porto-riquenhos. Por estarem em situação de pobreza logo foram marginalizados e o bairro passou a ser visto como um lugar ruim, disseminado principalmente pelas mídias que reforçavam ainda mais estes preconceitos. Por conta de todo processo de exclusão, a criminalidade cresceu como um meio de protesto para com o sistema que colocava essas pessoas pobres à margem social. A partir dessa criminalidade, inicia-se a formação de gangues que delimitavam territórios, devido às precárias condições de moradias e outros contribuintes para a subsistência.

Ainda sob a contextualização de Fialho (2008, p. 4), mesmo com a criminalidade e a pobreza existente, a população realizava festas e bailes para lidar com as revoltas e dificuldades que existiam no bairro. Dessa forma, foram nessas festas que as gangues passaram a substituir as batalhas violentas pelas batalhas de dança, de música e pintura nos muros, e por consequência esses eventos deram luz aos quatro principais elementos do *Hip Hop*: A dança *Breaking*, o responsável pela mixagem das músicas *DJ* (*disc jockey*), o cantor de rimas e animador da festa, *Mc* (mestre de cerimônia) e a arte visual com as pinturas nos muros, o Grafite.

Segundo Bambaataa (2010), o movimento cultural, *Hip Hop* “foi criado para difundir temas como a paz, o amor, a união e a diversão, a fim de afastar as pessoas dos problemas que assolavam as ruas, como a violência e as drogas”. Dessa forma, cada elemento que constituía o *Hip Hop*, possuía a função de denunciar a opressão e os problemas que a população do Bronx estava sofrendo, além de impedir que os próprios indivíduos sucumbissem a violência e às drogas. As batalhas de *Breaking* substituíram a violência entre gangues, as letras dos *Mcs* foram enriquecidas com denúncias de um povo oprimido, os muros e paredes foram coloridos com desenhos que relatavam e representavam a vida da população do Bronx e as festas foram agitadas com os ritmos e as mixagens dos *DJs*.

No início da década de 1980, por meio de organizadores de bailes, revistas e discos, o *Hip Hop* chegou ao Brasil. Contudo, a música e o *Breaking* foram os principais elementos que se popularizaram em território nacional, devido ao ritmo e a movimentação. Neste momento, ainda não existia o conhecimento do papel do *Hip Hop*, enquanto instrumento de denúncia para com as opressões que a população marginalizada sofria: fato este, sendo explicado por conta da diferença de idiomas. Os(as) brasileiros(as) não entendiam as denúncias das músicas, com isso havia maior interesse apenas nos ritmos e melodias. Como reforça Postali (s.d):

Como antes dessa década não havia muitas informações sobre o que realmente significava o movimento *hip-hop* norte-americano, a música era a principal ponte dos brasileiros para o acesso à cultura afro-estadunidense. Isso porque o interesse brasileiro se limitava ao ritmo e à dança. (Postali, [s.d.], p.10)

De fato, as primeiras músicas produzidas no Brasil, não apresentavam letras com características politizadas. Somente após a década de 1980, o *Hip Hop* de fato foi disseminado, por meio das mídias, e o Brasil passou a compreendê-lo enquanto cultura de resistência, sendo acolhido de forma intensa pela população marginalizada em todo território nacional, conversando com as demais manifestações culturais do próprio país. Portanto, vale ressaltar que

mesmo importando um movimento cultural, os(as) brasileiros (as) acolheram o *Hip Hop* sem perder a própria essência, principalmente por se tratarem de países diferentes, mas com aspectos de realidades marginalizadas semelhantes.

O *Breaking* se tornou o principal elemento a ser difundido no Brasil, porém com propósitos diferentes dos que originalmente haviam sido adotados, como Fochi (2007) afirma:

Assim como nos Estados Unidos, no Brasil o *break* também foi a primeira vertente de toda essa cultura *Hip Hop*. Lá, os primeiros *breakers* que dançavam na periferia de Nova York, na década de 1960, faziam-no com o intuito de protestar contra a guerra do Vietnã. Os passos da dança simulavam movimentos dos feridos de guerra bem como de instrumentos de guerra. No Brasil não houve essa conotação. Os primeiros dançarinos de *break* de São Paulo e do Rio de Janeiro, tinham como objetivo diversão e a busca da autoestima (Fochi, 2007, p.63).

Contudo, mesmo com intenções apenas recreativas, o *Breaking* não foi recebido de forma positiva, logo tornou-se alvo de preconceitos e perseguições. Todavia, essa visão se modificou e se tornou positiva com a chegada dos videoclipes, como os trabalhos do cantor Michael Jackson, e filmes internacionais, que traziam em suas obras a dança *Breaking*.

O termo *Break*, foi idealizado para representar a batida mais forte da música, produzida pelos *DJs*. Na dança, os movimentos foram criados e executados com base nas batidas mais fortes que as músicas produziam, e as pessoas que dançavam eram chamadas de *break boys* ou *break girls*, dando origem aos *bboys* e *bgirls*. Como explica Moraes (2009):

O termo *break*, idealizado pelo DJ Kool Herc, nos anos 1970, define-se como trecho de maior impacto de uma música que valoriza mais a batida. Os jovens que dançavam nas quebradas das mixagens começaram a ser chamados de *break boys*, o que deu origem aos termos *b-boy* e *b-girl*. Os principais movimentos da dança *Hip Hop* são: o *eletroboogie*, com movimentos robotizados; o *up rock*, o sapateado do *break*; e o *breakdancing*, que são os movimentos acrobáticos e giros no solo (Moraes, 2009, p. 33).

No Brasil, o *Breaking* passou a ser visto principalmente nos bailes, produzidos em São Paulo. Contudo, devido as pluralidades culturais existentes no país, logo a dança foi sendo acrescentada por práticas nacionais. A exemplo, temos a capoeira que foi inserida no *Breaking* brasileiro, pois os próprios praticantes não queriam apenas copiar movimentos importados,

como também acrescentar e contribuir para o aperfeiçoamento dessa dança, dando um estilo mais nacional.

Conforme o *Breaking* foi se popularizando, muitos adeptos surgiram, de diferentes classes sociais ou etnias. As gangues se tornaram os grupos ou famílias, que passaram a utilizar a terminologia *Crews*, (termo inglês, que significa equipe ou grupo). Contudo, a essência competitiva e de duelo perpetuou até os dias atuais, se tornando a característica principal das batalhas de *Breaking*, em que promovem duelos individuais, de duplas ou de grupos. Sendo o objetivo principal vencer o(os) adversário(s), superando seus movimentos, passando por um processo avaliativo de jurados(as).

Vale ressaltar que não existe apenas a modalidade competitiva no *Breaking*. Existe também a *cypher*, que por sua vez refere-se a um momento de diversão em que há o compartilhamento de habilidades, e as *bgirls* e *bboys* se configuram em um formato de roda, permitindo qualquer pessoa se expressar no centro dessa roda. Castillo e González (2018, p. 67) define *cypher* como um “[...] círculo em que se desenvolve a expressão *Hip Hop*. Por exemplo, quando *bboys* e *bgirls* dançam, eles próprios formam um círculo para demonstrar, um por um, seus passos no centro dele”.

Entretanto, por conta da predominância masculina, poucos materiais como artigos, dissertações ou revistas, trazem o contexto histórico referente a presença da mulher na cultura *Hip Hop*, mais específico, na dança *Breaking*. É sabido que as mulheres esteve presente nessas manifestações culturais, porém sempre são retratadas enquanto plateia, coadjuvantes ou cônjuges das principais estrelas no movimento, os homens.

Weller (2005), realizou uma pesquisa no estado de São Paulo e Berlim sobre a presença de mulheres, principalmente jovens na cultura *Hip Hop*, constatando que enquanto atuantes dos elementos como o Rap e *Breaking*, a quantidade de participação dessas mulheres eram mínimas. Contudo, ao voltar o olhar para o público consumidor dessa cultura, percebeu-se que existiam grandes quantidades de mulheres atuantes nessa posição de espectadora, fã ou coadjuvante.

Apesar das poucas bandas femininas de rap e das poucas grafiteiras e dançarinas de break, constatamos, durante a pesquisa realizada sobre o movimento *Hip Hop* em São Paulo e Berlim, uma forte presença feminina no que tange às atividades artístico-musicais (durante shows e outros eventos) e/ou sociopolíticas (por exemplo, nas campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos, campanhas contra AIDS). Nesse sentido, se compreendemos o *Hip Hop* não somente como espaço dos rappers, dançarinos, grafiteiros e *DJs*, mas também como cultura juvenil daqueles e daquelas

que participam enquanto fãs desse “estilo que ninguém segura”, veremos que a atuação feminina no movimento é significativa (Weller, 2005, p.115).

No entanto, ao sair da categoria coadjuvante para praticante de *Breaking*, a mulher passa a perceber e enfrentar novas barreiras ou empecilhos, que dificultam sua permanência nessa dança. Como já foi trazido anteriormente, em vários contextos históricos, a mulher sofreu repressões com os mais variados discursos que a inferiorizavam, o que podemos concluir que a sociedade perpetua comportamentos opressores com as demais minorias.

Podemos perceber que estes discursos, também estão presentes na cultura *Hip Hop*, em consequência, no *Breaking*. Devido a predominância histórica de homens, resultou-se em uma dança que pode obstaculizar e limitar a participação das mulheres. Como trazemos relatos produzidos por Hilton (2021):

Era o final dos anos 90, e a pioneira do break Ana “Rokafella” Garcia estava ensaiando para uma grande produção teatral com uma equipe de breakers masculinos. Um b-boy popular começou a fazer comentários cheios de insinuações sexuais sobre a única outra mulher do grupo. A cada ensaio consecutivo, o assédio progredia enquanto outros colegas de elenco permaneciam em silêncio (Hilton, 2021).

Compreende-se dessa forma, que uma estrutura sexista e machista, contribui de forma significativa para a quantidade de mulheres, praticantes de *Breaking*, ser inferior à dos homens. Não apenas em relação a possíveis assédios que essas *bgirls* podem vir a sofrer, como também a própria diferença física e outras especificidades, contribuem para a permanência da dançarina.

Características comuns nesta dança, são os movimentos que exigem força e agilidade, exigências que tornam o aprendizado de algumas *bgirls* mais demorado ou com maiores dificuldades, pois a estrutura corporal de uma mulher se difere da estrutura do homem. Dessa forma, Hilton (2021) também traz relatos nessa perspectiva:

Certos truques exigem que as mulheres trabalhem mais para desenvolver os músculos necessários para realizá-los. Por exemplo, para aumentar a força da parte superior do corpo, Choi costumava fazer 100 flares (um movimento de força em que o dançarino alterna o equilíbrio em cada braço enquanto balança as pernas em círculos contínuos - pense em ginastas masculinos no cavalo com alças) em cada treino (Hilton, 2021)

Contudo, diante dos empecilhos, a mulher vem buscando seu espaço nesta dança e cada vez mais, surgem adeptas nessa prática. E muitas *bgirls* têm trabalhado duro para se destacar na

cena, participando de competições, ensinando, e promovendo a cultura hip-hop. Organizações e eventos específicos para bgirls, têm contribuído também para dar visibilidade e apoio às mulheres no *Breaking*, porém ainda há diferenças, como os valores das premiações para *bgirls* serem bem inferiores comparados aos valores dos *bboys*. A conscientização e o apoio da comunidade são essenciais para a contínua busca do espaço das mulheres nessa dança.

#### 4 MANAS: DANDO VOZ ÀS SUAS BATALHAS

*E acha que o feminismo é exagero?  
O feminismo é o desespero  
Porque estamos em uma sociedade que eu ainda tenho que explicar  
Que somos seres humanos e não algo que se possa descartar.*

*Então não venha me pedir delicadeza  
Pois tenha certeza  
Que aqui... Isso não vai rolar  
Foi-se a época de gentileza*

*Vamo chegar com dois pé no peito memo  
Passando por cima de qualquer tipo de sujeito  
Derrubando esse seu preconceito  
Afinal... Confundir a violência do opressor  
Com a reação do oprimido  
Não faz o mínimo de sentido.*

Tawane Teodoro

Neste terceiro capítulo, pretende-se trazer diálogos com os embasamentos teóricos, trazidos anteriormente e as entrevistas realizadas com mulheres e homens presentes na cena *Breaking* de João Pessoa – PB, com a finalidade de compreender o material coletado e aprofundar sobre as experiências de cada participante a partir das problematizações lançadas nesta pesquisa.

Para a realização das entrevistas foram escolhidos quatro diferentes representantes, três mulheres e um homem, da cena *Breaking* da cidade de João Pessoa - PB. *Bgirl* Dandara, 21 anos, dança *Breaking* desde 2021. Teve contato com a dança por meio de amigos e se interessou em aprender após frequentar treinos e campeonatos. *Bgirl* Lohane, 21 anos, começou a dançar em 2016, no curso ministrado por Vant Vaz<sup>5</sup> e em 2019 passou a fazer parte do projeto *Looney Tunes Kids*, já citado anteriormente. *Bgirl* Ladycarpa, 24 anos, dançarina há sete anos. Sempre foi apaixonada pela cultura hip hop, porém não iniciou a dança mais nova, por resistência da

---

<sup>5</sup> Valmir Vaz, mais conhecido por seu nome artístico: Vant Vaz. Um ser humano multiartista que dedicou grande parte de seu tempo às diversas artes. Sua paixão pela dança emergiu na cultura Hip Hop e suas contribuições são muitas na cena das artes paraibanas. Através das danças urbanas Vant Vaz pôde contribuir para a cena da cultura Hip Hop com a formação do coletivo Tribo Éthnos” (Didonet, Candice, 2020).

família. E por fim, mas não menos importante, entrevistamos *Bboy Mago*, 28 anos, dança *Breaking* desde os 13 anos, é o fundador do grupo *Looney Tunes Crew*, como também idealizador e educador do projeto *Looney Tunes Kids*.

Essas entrevistadas foram escolhidas com base no tempo em que estão inseridas na cena *Breaking* de João Pessoa, abrindo-se espaço também para o depoimento de um homem, que assume a categoria de educador nesta área de conhecimento. É necessário enfatizar que essa pesquisa foi feita com mulheres cis, e não houve pesquisa aprofundada sobre mulheres trans na dança *Breaking*. Dessa forma, as entrevistas em si, foram realizadas como um processo de conversação sendo guiadas por um pequeno questionário. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo as respostas do questionário proposto, destacadas e inseridas aqui neste trabalho.

Um fato a ser constatado é que, assim como na história de inúmeras civilizações, a mulher sempre esteve presente fazendo sua parte para que a sociedade pudesse ser construída e organizada, mas ao ser comparada com o homem, seu valor diminuía devido a uma noção social de inferioridade. Não seria diferente ao compararmos com a história do *Breaking*, em que as mulheres se mantiveram presente, mas os homens obtiveram mais ascensão, tornando uma dança majoritariamente masculina, cedendo um espaço mínimo ou nenhum, para as mulheres. Contudo, da mesma forma que em outras situações as mulheres buscaram e conquistaram seus direitos, na dança *Breaking* essa busca está cada vez mais persistente, para possam conquistar seu espaço por completo na cultura *Hip Hop*.

Com esse aumento do número de manas<sup>6</sup> no *Breaking*, podemos encontrar modificações na estrutura do movimento *Hip Hop*, como grupos mistos de dança, com homens e mulheres compondo uma mesma *crew* (grupo de dança), batalhas apenas de mulheres com direito a premiações, entre outros. Contudo, ao analisar o espaço que a mulher ocupa, é perceptível que há uma grande diferença. Mesmo não sendo algo geral, mas algumas mulheres ainda sofrem com estereótipos de gênero que podem estar diretamente ligados à desvalorização de seu talento, além de micro agressões ou até assédios morais e físicos, que podem dificultar a inserção ou desencorajar a permanência da mulher nesta dança.

---

<sup>6</sup> O significado de “mana” pode ser definido como uma “menina” que está em pé de igualdade com os “manos”, pois a “mana” está “produzindo” o movimento. Ou seja, atua em alguns dos elementos – hip hop, rap, dança e grafite. Assim, as “manas pensam” o movimento da mesma maneira que os “manos”. Por efeito, não se sujeitam a ser tratadas apenas como um “objeto”, sem capacidade de “produzir” o movimento. No entanto, participar do hip hop na condição de “mana” exige das “meninas” uma constante afirmação; uma luta que elas travam de forma permanente para obter o devido reconhecimento no contexto predominantemente masculino do movimento (Leite, L; Cardoso, D. 2017). Mana também é utilizada com o sentido semelhante a irmã, sendo no movimento feminista comumente utilizado com a justificativa que as mulheres que unem a causa, são irmãs portanto, Manas.

Os processos ligados a interseccionalidade<sup>7</sup> podem ser percebidos aqui como fonte de uma indignação presente no cotidiano dessas mulheres entrevistadas. A questão de gênero, classe social, raça também pode ser percebida como um forte indicador das exclusões/diferenciações na cena Breaking, uma cena de corpos em sua maioria periféricos negros em nosso caso, corpos nordestinos. Como aponta Martins (2017) em relação aos corpos negros e periféricos que dançam:

Minha mãe sempre diz: preto quando descansa, carrega pedra. Pois bem eu não carrego, eu danço. A proponho aos meus parceiros que dançam com as pedras. Esse é meu estado no mundo, em São Paulo, no Capão Redondo, na Rua Ilha de Maiorca. A INDIGNAÇÃO é a minha materialidade poética e dela eu exprimo, sobrevivo e exorcizo dia a dia todo e qualquer tipo de opressão. Daqui o monstro é outro, e cada um sabe muito bem qual é (Martins, 2017, p.22).

Nessa perspectiva, a minha experiência se insere no grupo de mulheres que passaram por opressões e indignações. Eu enquanto alguém motivada a aprender a dançar, busquei ajuda de homens que não tinham o interesse de ensinar e me reduziram a uma expectadora e objeto sexual, e não como alguém com potencial na dança. Essas atitudes comprometeram meu processo de aprendizado e me fizeram parar de dançar por um tempo, até ser motivada por outras *bgirls* e tentar novamente buscar locais que me oferecem aulas com caráter mais profissional. Podemos também perceber esse discurso de alguém que já sofreu algum tipo de opressão na fala da *Bgirl* Ladycarpa:

*Todas as bgirls, todas as mulheres que estão no Breaking já chegou a sofrer algum tipo de preconceito, de assédio, só pelo fato de ser mulher mesmo. Quando eu comecei a treinar em dois mil e dezesseis a crew que eu treinava só tinha homens, só bboys. Eu era a única bgirl na época e eu lembro que eu queria aprender muita coisa, tipo uns Power Move<sup>8</sup> e tal e eles não queriam me ensinar pelo fato de eu ser mulher e*

---

<sup>7</sup> Conceito criado em 1989 pela ativista americana Kimberlé Crenshaw, relacionado ao cruzamento e diferentes sistemas de opressão (racial, de gênero, classe, eficiência corporal) que atuam sobre grupo específicos especialmente mulheres, objeto principal de seus estudos.

<sup>8</sup> Power moves (“movimentos de poder”, em inglês) são os elementos mais dinâmicos do Breaking. É claro que muitos outros elementos têm poder, mas um power move geralmente acontece quando um B-Boy ou B-Girl impulsiona seu corpo em uma rotação contínua, equilibrando-se nas mãos, cotovelos, cabeça, costas ou ombros. Entre head spins, flares, air flares, windmills, 1990s e outros, o B-Boy ou B-Girl pode fazer o mesmo power move continuamente e terminar a sequência com um freeze ou combinar vários tipos de power moves. (Adelekun, 2021).

*dizer que eu não tinha uma resistência muito boa. Isso chegou a me deixar muito, muito triste e querer desistir né, porque eu já tinha visto em batalhas mulheres e tal que faziam power moves<sup>10</sup>, por quê que eu não poderia, entendeu?* (informação verbal).

Tomando por base a fala da Ladycarpa, podemos também perceber que há comparações entre *bboys* e *bgirls* em termos de capacidade corporal, já que o *Breaking* exige resistência e força para a execução de certos movimentos, questão já trazida para esta pesquisa, sendo complementada por Hilton (2024) quando diz que no *Breaking*: “A maioria dos movimentos de força foram feitos por homens e não levam em consideração a anatomia da mulher e como o nosso centro de gravidade pode ser diferente.”

Convivendo e treinando com *bgirls* e *bboys*, observo que resistência e principalmente força física é algo relativo ao considerar as pluralidades de corpos que dançam. No meu caso, por exemplo, me percebo como uma *bgirl* que detém mais força ao comparar com outras manas, porém não possuo muita resistência para dançar por mais tempo, assim como outras *bgirls* podem ser semelhantes ao meu caso ou diferentes. E em relação aos *bboys*, estes possuem mais força e resistência, só em casos excepcionais que diferem desse padrão.

Dessa forma, é notório que o homem biologicamente possui mais força<sup>9</sup> física comparado a mulher, porém não valida o argumento de que a mulher não tem capacidade de realizar os mesmos movimentos, nesse caso, a mesma dança. A única diferença é que para a *bgirl* pode ser necessário mais tempo de treinamento para que se construa a resistência e força necessária, para a execução da dança.

Entretanto, o *Breaking* não se caracteriza exclusivamente pelo uso da força, existem técnicas que a mulher consegue dominar perfeitamente como os *Top Rocks*<sup>10</sup> e até mesmo se destacar nos aspectos de disciplina e no próprio estilo para dançar, como reforça *Bboy Mago*, que traz sua análise enquanto educador de *bgirls* e *bboys*:

---

<sup>9</sup> Relativamente à força muscular total máxima, em geral, a da mulher média corresponde a 63,5% da força do homem médio, e a força isométrica da parte superior e inferior do corpo das mulheres é, em média, de 55,8% e 71,9%, respectivamente, menor, comparada com a força máxima dos homens (Fleck; Kraemer, 2006).

<sup>10</sup> Top Rock é uma sequência de passos feitos em pé, logo antes do B-Boy ou B-Girl iniciar seus movimentos no chão. Não existem regras quanto à duração de um top rock, mas ele não costuma ultrapassar oito tempos de uma música. É nesse momento, combinando variações de top rock – como o indian step e o cross step – e movimentos de mãos e braços, que o dançarino mostra toda sua ginga e capacidade de entrar no ritmo da música (Adelekun, 2021).

*Para os fundamentos de Breaking, a mulher se sai melhor do que os homens, eu ate gosto mais de trabalhar com mulheres porque são mais disciplinadas nesse sentido. [...] as bgirls elas conseguem desenvolver melhor a questão do estilo, na dança. E os bboys é mais aquela coisa da força dos movimentos (informação verbal).*

Analisando esta fala podemos perceber que ao mencionar que as mulheres são mais disciplinadas, é possível compreender como o processo de dominação masculina já está estruturalmente enraizada nos comportamentos sociais. As mulheres podem reproduzir comportamentos disciplinares pela repressão ou insegurança de expor suas opiniões e gostos, como também neste caso pode ser simplesmente o respeito para com o professor e desejo de aprender. De qualquer forma esse comportamento pode passar despercebido, até mesmo para o professor, acreditando que seja uma postura natural das mulheres.

Além disso, existe uma particularidade que pode diminuir o desempenho da *bgirl*, o ciclo menstrual, pois nesse período a mulher vivencia mudanças hormonais, afetando seu desempenho, principalmente nos treinos como enfatiza *Bgirl Lohane*:

*Em relação a incluir a mulher no Breaking cheio de homem é complicado, porque tem a questão de tipo, tem certas coisas que mulher é um pouco limitada e os homens não entendem. Por exemplo, quando a gente está e naqueles dias está menstruada, obviamente seu corpo fica mais pesado, você fica com dor e eles não entendem. O corpo da pessoa fica mais pesado, a pessoa às vezes não está muito afim, você não está disposta. Uma vez no treino, eu vim mesmo assim, porque a gente é teimosa né? A gente vem. Aí um dos boy fez: - Oxe, faz isso aqui! Eu falei: estou conseguindo não, estou com o corpo pesado. Ele disse: Oxe que frescura! Eu respondi: - Não é frescura não pô, é porque eu estou naqueles dias, ele disse que não era nada não. Eu falei que homem não entende, né? (informação verbal).*

Por mais sutil que possa parecer, a fala que a *Bgirl Lohane* nos traz, representa uma mulher sofrendo uma opressão visível. Essas atitudes desestimulam a mulher ou podem trazer situações desconfortáveis, algo que poderia ser facilmente evitado se houvesse compreensão por parte do homem. Compreensão essa, que pode ser construída por meio de conversas ou diálogos com características igualitárias e dessa forma, o respeito mutuo poderia ser construído e enraizado no ambiente de treino. Esse tipo de compreensão é notado por quem também passa pela mesma situação ou quem possui senso de empatia. Nesse caso, essas atitudes são esperadas com mais frequência por mulheres, por entenderem e vivenciarem a mesma situação. O que nos leva a

entender que há uma grande necessidade de que as mulheres assumam também a posição de educadoras nessa prática de dança.

Em contrapartida há também mulheres que não vivenciaram opressões em sua trajetória na dança, como podemos exemplificar a fala da *Bgirl* Dandara:

*Nunca tive nenhum desconforto. Pelo contrário, em eventos, treinos e competições eu sou motivada e incentivada pelos bboys e por outras bgirls (informação verbal).*

A fala da *Bgirl* Dandara traz, de certa forma, um sentimento de felicidade por saber que uma mulher não passou por situações corriqueiras machistas ou sexistas, contudo há também uma dúvida, pois como já foi trazido anteriormente, a opressão pode surgir das formas mais sutis possíveis e pode facilmente não ser percebida, devido a naturalização em nosso cotidiano. A fala de Dandara é válida, mas é importante trazer questionamentos para que possamos perceber e analisar todos os sinais que possam afetar a mulher, seja no *Breaking* ou em qualquer outro núcleo social.

Além dessas questões trazidas, outras dificuldades surgiram sendo uma delas contemplada por todas as pessoas entrevistadas, foi a dificuldade financeira. Dessa forma, no contexto brasileiro e em específico das pessoas entrevistadas, boa parte das(os) dançarinas(os) de *Breaking* não possui contratos regulares de trabalho na área, o que torna difícil garantir uma renda constante. Isso os expõe às flutuações financeiras, como também a escassez de oportunidades de emprego relacionadas à dança. Dessa forma, muitas(os) dançarinas(os) precisam buscar empregos alternativos para sustentar suas vidas. Como afirma a fala de *Bboy* Mago:

*Primeiro eu acho que é o financeiro, né? Não tem condições de você conseguir seguir uma carreira se você não consegue se sustentar com aquela carreira (informação verbal).*

A situação financeira também afeta o estímulo para ir treinar, afeta a efetividade das(os) *bgirls* e *bboys* nos eventos de *Breaking* que surgem, e em casos mais sérios, a própria alimentação, prejudicando o rendimento nos treinos.

Ao voltar o olhar especificamente para a mulher, as dificuldades vão além de questões financeiras. Por carregar a herança de ser a principal cuidadora do lar e dos filhos, a mulher/*bgirl* que é mãe, esposa e/ou dona de casa, sustenta uma carga ainda maior de dificuldades para permanecer dançando. Como também, enfrenta a resistência familiar, que não permite as manas

de praticar o que gostam, além dos estudos que também se inserem nesta lista. Essas dificuldades são trazidas na própria fala da *Bgirl* Ladycarpa:

*Sempre você tem que se dividir entre o trabalho, entre a responsabilidade de mãe, entre a responsabilidade de dona de casa, entendeu? Pra poder estar continuando, tipo, outras bgirls aí também ter que se dividir entre os estudos que é muito importante né? E tem que se dividir entre as responsabilidades da vida e os estudos acaba deixando um break um pouquinho de lado porque fica sem tempo, mas não pode parar não (informação verbal).*

Me compreendendo enquanto *bgirl*, pesquisadora, dona de casa e universitária, a fala da Ladycarpa reverbera sobre minhas próprias vivências. Para poder ir treinar era necessário pensar primeiramente na alimentação que deveria ser feita, na roupa que precisa ser lavada, assim como, até para a construção dessa pesquisa foi necessário faltar muitos treinos para dedicar-me ao trabalho. Esses exemplos não se restringem apenas ao *Breaking*, em vários núcleos sociais a mulher também passa por essas múltiplas jornadas, onde essa sobrecarga é vista como algo socialmente naturalizado.

Outro ponto que se deve levar em consideração são as formas metodológicas de ensinar essa dança, pois devido a suas características comunitárias, a quantidade de instituições e profissionais qualificados para ensinar *Breaking* são pequenas, comparadas às outras danças que possuem mais mercado, como o *Ballet*, por exemplo. Dessa forma, as mulheres precisam recorrer a grupos, geralmente compostos apenas por homens, em que há pouca ou nenhuma metodologia e, conseqüentemente, não há entendimento das necessidades da *bgirl*, pois os próprios *bboys* também precisam ser autodidatas para aprender a dançar.

Em conexão a essas reflexões e para que haja melhores resultados referentes a mulher poder dançar livre de certas opressões, faz-se necessário a existência das redes de apoio, que proporcionam locais seguros e fundamentais para o desenvolvimento técnico dessas *bgirls*. Ao questionar sobre essas redes de apoio, foi trazido unanimemente o projeto *Looney Tunes Kids*, como um ambiente acolhedor e acessível para as *bgirls* entrevistadas. A respeito do projeto podemos entender como surgiu a partir da fala do Bboy Mago:

*A ideia surgiu em 2014, mas só deu início em 2015. Surgiu quando a primeira geração da Looney Tunes tinha umas catorze pessoas e como era o ciclo natural daquela época, muitos pararam de dançar e só sobraram quatro pessoas e a gente queria participar de um evento no Ceará, mas o evento só admitia seis pessoas então naquele momento eu pensei, se a gente não der continuidade a isso, isso vai morrer com a gente e crew vai estagnar e não teremos material humano, pra conseguir não só*

*participar de eventos, mas que dê continuidade a crew também. Então, o primeiro intuito foi dar aula de graça, para divulgar o breaking, fazer essa divulgação do breaking primeiramente e conforme as pessoas que fizerem parte do projeto forem demonstrando interesse em querer seguir carreira com breaking a gente vai testando essas pessoas e colocando na crew. Então a ideia do projeto foi, precisamos de novos integrantes para a Looney Tunes. E junto com isso as aulas de graça para quem quisesse dançar Breaking sem intuito profissional (informação verbal).*

Desse modo, o projeto se tornou o único trabalho produzido por uma *crew* e que oferece aulas gratuitas para qualquer pessoa, contudo o público mais frequente são crianças e jovens adultos que almejam aprender a dançar *Breaking*. Questionando como o projeto pode ajudar as manas, Bboy Mago responde:

*Eu acho que primeiro é trabalhar a autoconfiança, de você se senti capaz e eu posso dançar Break também. Não é uma coisa de homem. Eu posso também dançar break, eu posso aprender e trazer essa visão, né? Em um local onde você consiga ter aulas e consiga evoluir (informação verbal).*

Com a fala do *Bboy Mago*, trago minha perspectiva enquanto aluna do projeto *Looney Tunes Kids*. Posso trazer com convicção que o projeto me proporcionou mais auto confiança para dançar, pois há de fato características pedagógicas e a pretensão de formar novas dançarinas e dançarinos. Além disso, a preocupação de buscar um local seguro para dar aulas também reforça o caráter acolhedor, uma vez que são comuns os treinos de *Breaking* realizados em praças públicas e que pode não haver segurança necessária. Dessa forma, o projeto contribui sim para a inserção de mulheres no *Breaking* por ser algo de fácil acesso, ambiente seguro e com metodologias para ensinar a dança.

Importante enfatizar que a rede de apoio citada foi idealizada por um homem (*Bboy Mago*) que compõe uma *crew* também só de homens e que mesmo sendo um espaço acolhedor e acessível, nos faz refletir sobre a ausência de outras redes de apoio semelhantes, em específico promovidas por mulheres. Ainda que haja apoios individuais, é urgente a construção de mais redes como o projeto *Looney Tunes Kids*, ou mulheres juntamente com homens, para que produzam uma metodologia favorável para qualquer pessoa e tornem o ambiente acolhedor. Promovendo assim, ambientes seguros e inclusivos garantindo que as mulheres se sintam valorizadas e respeitadas na cena do *Breaking*. Com isso, é possível exemplificar essa necessidade de mulheres ensinando *Breaking* com esse pequeno trecho de entrevista com a *Bgirl Lohane*:

*Zoelly - Tu acha que se na tua formação, tipo quando tu começou a fazer o projeto, tu acha que se tivesse uma mana também no projeto ou dançando contigo ou também ajudando ou dando aula junto com o Mago, Tu acha que desenvolveria muito melhor?*

*Bgirl Lohane - Sim e não, porque tipo realmente você precisa de um toque masculino também para entender certas coisas, mas também você precisa. Então é assim, sim. Porque você precisa da mulher lembra no dia que Mari veio aqui?*

*Zoelly - Sim.*

*Bgirl Lohane - Eu só aprendi a fazer o três tempo por causa dela. Porque eu estava há um tempão. Pedi ajuda a todos os boy. Falei que não estava conseguindo fazer. Não sai, não sai, não sai, não sai. Vai tu consegue qualquer jeito e eles não tem paciência de ver o porque que você não está acertando, se você está fazendo há um tempão, Mari veio e disse - Oh se não consegue assim deixa eu ver, faz assim. Pronto, consegui, era só uma coisa simples (informação verbal).*

Nesse depoimento, Lohane relata um dia no qual uma *bgirl* foi convidada a dar uma aula no projeto *Looney Tunes Kids* e foi percebido a diferença de metodologias utilizadas; novamente a característica de empatia e compreensão entre uma *bgirl* experiente com uma *bgirl* iniciante, assim como a não compreensão por parte do *bboy*.

Outras formas capazes de contribuir com a permanência e valorização da mulher no *Breaking*, estão relacionadas à necessidade e importância de realizar palestras, *workshops* e ou eventos de competição, produzidos principalmente pelas dançarinas mais experientes, que abordem questões de gênero e sensibilizem a comunidade sobre a importância de valorizar as dançarinas de *Breaking*. Como também, deve existir essa conscientização para que os próprios líderes e integrantes das *crews*, se percebam enquanto praticantes ou possíveis opressores, que poderão ser punidos caso venham a prejudicar a *bgirl*. Como podemos complementar a importância dessas atitudes com a reflexão de Passos (2011):

Daí porque é extremamente relevante e estratégico reconhecer a necessidade da construção e implementação de projetos e programas de ação que, partindo de uma perspectiva de gênero, logo, do reconhecimento da especificidade da condição feminina, se voltem para a promoção social e econômica da mulher, na busca da equidade – o que, nesse caso, pode ser considerado como uma “discriminação positiva” já que, ao tratar de forma “desigual” os diferentes, cria condições para a superação progressiva das assimetrias (Passos, 2011, p.38).

A partir dessa fala percebemos que a busca por equidade significa compreender as pluralidades e diferenças entre homens e mulheres, e trabalhar em cima desse principalmente ponto para que

haja uma construção social de qualidade e as mulheres possam coexistir em qualquer núcleo social sem sofrer nenhum tipo de opressão.

Por meio dessa entrevista é percebido a importância de existir mulheres que ensinem *Breaking*, principalmente no contexto João Pessoa-PB. Além disso, há a necessidade de construções metodológicas que possuam sensibilidade para entender quais as necessidades de cada aluna(o), como centros de gravidades, planejamento de treinos para o ciclo menstrual, exercícios específicos para a construção de resistência e força muscular, entre outros.

Portanto, mesmo com dificuldades individuais ou heranças opressoras, as mulheres permanecem buscando seu espaço nessa dança, construindo a cena urbana de João Pessoa-PB para serem mais favoráveis para as *bgirls*, no entanto, ainda existem muitos processos a serem revistos e modificados, processos esses que devem partir, primeiramente, de uma organização e unificação das mulheres, para construir ações que as aproximem do mesmo propósito, o direito de dançar *Breaking*.

Esta unificação das mulheres refere-se à solidariedade e ao esforço coletivo de mulheres de diferentes origens, culturas, raças, idades e contextos para alcançar objetivos comuns relacionados a questões de gênero, igualdade, direitos das mulheres e justiça social. Ao se unirem, as mulheres podem ter um impacto na promoção de mudanças sociais e políticas que beneficiam a igualdade de gênero e a equidade. É importante reconhecer a diversidade das experiências e perspectivas das mulheres e buscar a inclusão de todas as vozes na busca por um mundo mais justo e igualitário. A valorização das dançarinas de *Breaking* não é apenas benéfica para as mulheres na comunidade, mas também enriquece a cena de dança como um todo. Trabalhar juntas(os) para criar uma comunidade mais inclusiva é essencial para o crescimento e a evolução do *Breaking*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Acreditamos na potencialidade de pequenas transformações e reverberações que partem, inicialmente da ação corporal, para uma ação social.*

Gal Martins<sup>11</sup>

Ao perceber-se como uma mulher que pratica uma dança dominada por homens, com pouca ou quase nenhuma atenção para as necessidades das mulheres, se descobre uma busca por reconhecimento e pretensão pelo próprio espaço, o nos permite compreender que há características feministas nesse entendimento, enquanto corpo que não está sendo valorizado em sua prática. Dessa forma, podemos interligar as lutas do movimento feminista com as lutas das mulheres que dançam *Breaking*, pois assim como já dito neste trabalho as mulheres sofreram e sofrem com a inferiorização de suas capacidades, além de violências e assédios. Dessa forma essa escrita buscou a reflexão sobre a necessidade de preciso modificar essa mentalidade na dança *Breaking* e em todas as áreas sociais, para que não perpetue essa herança machista.

Além do mais, se a cultura *Hip Hop*, surgiu em um período da história motivado por questões políticas e revoltas contra as opressões sociais, assim como o feminismo, não há lógica na reprodução de violências, segregações e opressões para com a mulher.

Durante todo o processo desenvolvido na pesquisa sobre a cena *Breaking* de João Pessoa - PB, foi percebido inúmeros atravessamentos com relação as vivências das mulheres e um homem, entrevistadas. Enquanto *bgirl* e pesquisadora, pude me reconhecer profundamente nas falas das outras *bgirls*, assim como pude perceber e enxergar opressões que por mais sutis que fossem, estavam diretamente ligadas ao fato de sermos todas mulheres, ocupando um espaço ainda dominado por homens.

Com essa pesquisa, foi percebido problemas e soluções singulares para com as vivências das mulheres no *Breaking*, existem fraquezas que devem ser fortalecidas com a necessidade de redes coletivas de apoio e criação de comunidades. Mas, para além dessas experiências, também existe uma força que nos move como dançarinas, que é a paixão pelo *Breaking*. Iniciei a pesquisa acreditando que nós estávamos apenas ocupando as funções de coadjuvantes, o que na verdade só representava uma fase de um movimento que está sendo reconstruído a cada dia.

---

<sup>11</sup> Dançarina, Atriz, Coreógrafa e gestora cultural, cursou Artes Cênicas na UNESP. Idealizadora da zona AGBARA e fundadora e diretora artística da Cia Sansacroma.

Ao resgatar novamente a questão, *Cadê as manas?*, e após perceber que as mulheres estão buscando seu espaço com força, paixão e persistência, passando por cima de inúmeras dificuldades que as atingem diretamente, é possível ao final desta pesquisa responder que: *as manas estão aqui*, lutando, dançando, criando e resistindo.

## REFERÊNCIAS

- ADELEKUN, Emmanuel. **Isso é o que você precisa saber pra entrar na batalha.** Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/danca-breaking-elementos-basicos>. Acesso em: 8 nov. 2023.
- ALVES, Ana Paula Hora; MORAES, Débora M. Mulheres na dança do Movimento Hip Hop: a construção do sujeito reflexivo a partir de uma nova pedagogia de gênero. **Revista Gênero**, v. 10, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30887>. Acesso em: 20 set. 2023.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- ALVES, Ana Paula Almeida; VOTRE, Sebastião. Mulheres no break: a dança do movimento Hip Hop numa comunidade pobre da cidade do Rio de Janeiro. *In: FAZENDO GÊNERO 8 - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER*, 8., 2008, Florianópolis. Disponível em: [https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST43/Alves\\_Votre\\_43.pdf](https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST43/Alves_Votre_43.pdf). Acesso em: 20 set. 2023.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de *et al.* **História das sociedades**: das comunidades primitivas às sociedades medievais. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.
- DE SOUZA, Ana Maria Alves. As relações de gênero no movimento da dança. **Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 286-289. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43596571>. Acesso em: 20 set. 2023.
- FAZENDA, Maria J. **Dança teatral: ideias, experiências, ações**. Lisboa: Edições Celta, 2007.
- FIALHO, Vânia Malagutti. **Hip Hop**: conceito e história. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- FLECK, Steven J.; KRAEMER, William J. Mulheres e treinamento de força. *In: FLECK, Steven J.; KRAEMER, William J. Fundamentos do treinamento de força muscular*. São Paulo: Artmed, 2006.
- FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social? **FACOM**, n. 17, 2007. Disponível em: [https://www.fAAP.br/revista\\_faap/revista\\_facom/facom\\_17/fochi.pdf](https://www.fAAP.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf). Acesso em: 20 set. 2023.
- FREIRE, Ana Vitória Silva. Angel Vianna: da expressão corporal aos jogos corporais e à conscientização do movimento na dança contemporânea. **Repertório**, n. 31, 2018.
- GURGEL, Telma. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. *In: FAZENDO GÊNERO 9*, 9., 2010, Florianópolis.
- HILTON, Haley. The B-Girl's Battle for Equality in a Male-Dominated Style. **Dance Magazine**, 2021. Disponível em: <https://www.dancemagazine.com/the-b.girl/>. Acesso em: 30 set. 2023.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 2018.

HORTÊNCIO, Jean de Lucena. 2020. **Andanças: a trajetória de Vant Vaz na cultura Hip Hop e suas contribuições para a cena das danças urbanas em João Pessoa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Comunicação, Turismo e Artes, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18012>. Acesso em: 07 nov. 2023.

LEITE, Leila; CARDOSO, Denise Machado. Hip Hop Feminino e o Feminismo como Resistência da Juventude em Belém. **Gênero na Amazônia**, n. 7-12, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/rcga.v0i7-12.13216>. Acesso em: 8 nov. 2023.

MARIA Duschenes. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa252508/mariaduschenes>. Acesso em: 18 set. 2023.

MARQUES, Isabel. **Linguagem da dança**: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, João Paulo. Dança de rua. **Todo Estudo**, c2024. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/educacao-fisica/danca-de-rua>. Acesso em: 27 set. 2023.

MARTINS, Gal. **A Dança da Indignação**. São Paulo: Papel Brasil, 2017.

MORALES-CASTILLO, Sebastián; ACUÑA-GONZÁLEZ, Francisco. Cypher abierto: breaking, visibilidad, estructura y conceptos. **A.Dnz**, n. 3, p. 66-71, 2019. Disponível em: <https://revistas.uchile.cl/index.php/ADNZ/article/view/52740>. Acesso em: 29 de set. de 2023.

MUNEVAR, Lucia Del Pilar Lancheros. **Dança Moderna e Feminismos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Performance Artística / Dança) – Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/5492>. Acesso em: 30 set. 2023.

OLIVEIRA, Adrielle Albuquerque de. **Danças urbanas: desmistificando conceitos do gênero feminino no breaking**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Universidade do Estado do Amazonas, Escola Superior de Artes e Turismo, Manaus, 2021. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/3994>. Acesso em: 29 set. 2023.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIVA, Abrão. A Casa e o Universo de Maria Duschenes. **Revista Cena**, Porto Alegre, n. 32, p. 275-286, set./dez. 2020. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/cena>. Acesso em: 15 set. 2023.

PASSOS, Elizete *et al.* **Ensino e gênero: perspectivas transversais**. Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: [http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO\\_miolo\\_FINAL.pdf#page=49](http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO_miolo_FINAL.pdf#page=49). Acesso em: 8 nov. 2023.

PINTO, Célia R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?lang=pt&forma>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PINTO, Célia R. J. O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 238-241, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/3Jr7DvhPY7gGGYS8XJjJrF/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2023.

POSTALI, Thifani. O hip-hop estadunidense e a tradução cultural brasileira. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, v. 14, p. 7-15, 2011.

SANTOS, Rosenverck Estrela. A história do *hip hop* em São Luís do Maranhão: periferização da cidade e resistência político-cultural da juventude negra nos anos 1990. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, v. 5, n. 6, 2008. Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/203](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/203). Acesso em: 25 abr. 2024.

SOUZA, Jusamara Vieira; FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. **Hip Hop da rua para a escola**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

TOSI, Marcela. Voto feminino: a história do voto das mulheres. **Politize**, 18 ago. 2016. Mulheres e Democracia. Disponível em: <https://www.politize.com.br/conquista-do-direitoaovoto-feminino/>. Acesso em: 8 set. 2023.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 107-126, 2005.

**APÊNDICE**  
**QUESTIONÁRIO BASE PARA AS ENTREVISTAS**

- Qual sua história na dança de break?
- Você já sofreu alguma opressão, preconceito ou assédio em batalhas, treinos ou eventos de break?
- Você acredita que há representantes mulheres na cena hip Hop (principalmente na dança) de João Pessoa? Se sim, poderia citar nomes?
- Existem redes de apoio, como *crews* ou projetos para *bgirls*, seja por parte delas mesmas ou de *bboys*?
- Você tem dificuldades para continuar dançando break? Se sim, quais são essas dificuldades?
- Você acredita que *bboys* e *bgirls* estão em pé de igualdade, sim ou não? Por quê?
- Como você vê a cena de break em João Pessoa, ela é favorável ou não para as mulheres?

**Entrevista com Bgirl Ladycarpa – Dançarina**  
Concedida em outubro de 2023 – João Pessoa, Paraíba

**Figura 1 - Bgirl Ladycarpa**



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Me chamo Estela, tenho vinte e quatro anos, sou dançarina, tô no bk já faz sete anos. Comecei no bk aqui com dezesseis anos de idade que eu ia ter começado bem antes, só que eu meio que era impedida pelos meus pais, pelo fato de ter ser mulher, né? Eles não permitiam que eu dançasse. Queria desde Nalva mesmo quando eu era pequena que eu comecei a conhecer a cultura hip hop eu acho que eu tenho meus quatro anos de idade que foi quando eu cheguei a assistir o IBE dois mil e cinco aí queria, né? Começar a dançar com aquela idade ali, só que eu era muito pequena e eles não permitiram, então eu só pude ter contato mesmo com o em dois mil e dezesseis, mesmo assim até foi muito difícil pra mim porque meu pai ainda bebia muito pelo fato de eu ser mulher e tal, mas tudo deu certo. Estou sete anos já no Break Dance. E pra

mim o é vida salva porque eu conheço vários manos que já foram salvos pelo pela dança que poderia ter tido um fim bem trágico e hoje em dia estão aí voando da sorte

Se eu já sofri algum tipo de preconceito e assédio em treinos, batalhas todas as bgirs né? Todas as mulheres que estão no já chegou a sofrer algum tipo de preconceito, de assédio, só pelo fato de ser mulher mesmo Quando eu comecei a treinar em dois mil e dezesseis a a crio que eu treinava só tinha só homens. Só me boys. Eu era a única a única amiga. Eu era a única bgirl que estava. Na época e eu lembro que eu queria aprender muita coisa, tipo uns Power Moov e tal e eles não queriam me ensinar pelo fato de eu ser mulher e dizer que eu não tinha uma resistência muito boa. Isso chegou a me deixar muito, muito triste e querer desistir, né eu já tinha visto assim eh batalhas e mulheres e tal que era sozinho os pão e murro por que que eu não poderia entendeu? Aí teve várias coisas que cheguei a aprender só porque os outros me boys eles não queriam me ensinar pelo fato de eu ser mulher e eu não tenho uma resistência boa. Mas eu não cheguei a desistir né? Fiquei triste, mas não cheguei a desistir então acabei seguindo sozinha mesmo.

Hoje em dia em questão de representatividade de mulheres na cena do hip hop e no principalmente assim na cena do está bem maior do que antes né? Tipo as mulheres vêm vindo tomando aí o lugar delas que eram pra ter sido tomado faz tempo só que a gente era impedida pra isso é e as mulheres que representam muito assim o Black Dance ajudam outras mulheres que estão iniciando agora no hip hop e vou citar o nome delas, tipo tem um vídeo pequena que ela está aí nascendo há muitos anos já né? A Jaque também Jaque Case que também pediu Tati e são uma das vezes, mas eu fico aqui em João Pessoa, né? Representando aí as mulheres, dando aquela força pras mulheres que querem começar, as mulheres que já continuam, tipo dão muita força pra gente que é mulher que não tem um certo apoio, né? Porque várias bgirls acabaram tendo filhos, e se casando e acabaram deixando um pouco de lado, né?

Eu sou um exemplo disso, mas agradeço muito pela força que Jaque, pequena e a Big Marinho também, né? Que está aí nascendo há muitos anos e estão dando aquela força, né existir do Break e que a vida da mãe só deixa a mais forte ainda né? Pra conservar, continuar tentando e tal. Então eu acho que hoje em dia em dois mil e vinte e três, a cena hip hop e o Black Dance de João Pessoa tem mais representatividade em mulheres do que antigamente quando eu comecei né? Não tinha muito não, mas hoje em dia tem mais. Como eu falei, não tem vídeo já que Pequena, Tati, que tá aí apoiando outras mulheres que tão conversando e que tão querendo desistir.

Eu acho que em dois mil e vinte e três existe um apoio bem maior assim sobre, e pelas Crews de Boys, né? Que vem apoiando as aí as bgirls. Um exemplo muito grande que eu vou usar é a Looney tunes Crew eles têm um apoio assim que eu estou vendo que está rolando aí uns treinos

que eles estão apoiando muitos que estão iniciando agora né porque em João Pessoa não existe muita crew de bgirls não, na verdade e eu acho que atualmente só existe uma que é só o Brasil não existe mais crew feminina né? Mas eu acho assim, que hoje em dia ele está tendo um apoio maior do que quando eu comecei em dois mil e dezesseis, quando eu comecei em dois mil e dezesseis não tinha um certo apoio, né? Infelizmente, isso é muito triste falar, mas não tinha. Então hoje em dia tem mais e tem que ser assim né? Porque principalmente quando são os que já estão nascendo aí as mina tem que estar apoiando aí as que está começando agora Então eu acho que está tendo um certo apoio hoje em dia. Um apoio bem maior do que não tinha antigamente.

Eu tenho grande dificuldade de tá continuando no Break Dance. Isso é muito triste porque eu sempre quis dançar do que quando eu era criancinha, né? Mas eu fui muito impedida. Limitada pelos meus pais quando eu comecei foi como se eu tivesse com muita sede está entendendo? Tipo foi incrível pra mim ali aquela época hoje em dia está tem uma dificuldade maior porque hoje em dia eu tenho que conciliar minha responsabilidade né? Como mãe é responsabilidade, trabalhando, entendeu? Então eu fico muito sobrecarregada e um pouco sem tempo, mas estou colando nos eventos e tal...

Danço aqui, danço ali, mas ainda tem uma certa dificuldade pra continuar. E, isso me deixa muito triste porque eu não eu queria ter um pouco mais tempo pra estar continuando. Então sempre que eu... é isso, entendeu? Sempre que eu você tem que se dividir entre o trabalho, entre a responsabilidade de mãe, entre a responsabilidade de dona de casa, entendeu? Pra poder estar continuando, tipo, outras Bgirls aí também ter que se dividir entre os estudos que é muito importante né? E tem que se dividir entre as responsabilidades da vida e os estudo acaba deixando um Break um pouquinho de lado, porque fica sem tempo, mas não pode parar não. Está um tempinho, dá um aqui. Aí depois de duas semanas manda um ali, entendeu?

Sobre esse estão em pé na igualdade hoje em dia eu acho que ainda continua sendo um certo problema que tem que ser resolvido né? Mas quando eu comecei era uma coisa muito extrema assim de não ter igualdade de jeito nenhum. Como eu posso explicar e como como eu usei o exemplo anterior...os boys e hoje em dia eles estão mais mente aberta né Mas quando eu comecei há sete anos atrás eles não queriam passar quase nada pras big. Só top rock, futwork e só não queria passar power ,move dizendo que rolava sempre comentários falando que as bgirls são fracas, que elas não tem a mesma resistência que os boys entendeu?

Então eu acho que isso ainda rola na cena Hip-Hop no Break rola sim, tipo em batalhas também né? A gente vê aí que que rola sim, mas eu acho que está bem menor do que quando eu comecei né está bem menor quando eu comecei eu estou vendo que que as girls aí está metendo

a cara mesmo está tomando no lugar delas e tem que ser assim mesmo porque a cena hip hop ela é a cena hip hop e o Black Dance ela é pra todos, pra todos mesmo, não tem isso não. Então tipo as bgirl, elas tem que estar dando o próprio nome pra não estar passando por essas situações que eu passei né? As que estão iniciando agora que eu passei de não ter um certo apoio de antigos pelo fato de eu ser mulher.

Como eu vejo a cena do pras se é favorável hoje em dia pras pras mulheres hum como eu já falei antes né? Hoje em dia está mais favorável do que antigamente, mas ainda tem um certo uma certa limitação em alguns aspectos para as mulheres. E muitas mulheres não são representada ainda, né sofrendo certos preconceitos, certos insultos em batalhas mas as mulheres estão aí pra apoiar umas as outras porque se a gente não se apoiar umas as outras os boy não vão apoiar entendeu? São poucos que apoiam e é isso Então eu acho que hoje em dia as elas estão se apoiando muito mais e isso é muito lindo de se ver. Porque quando eu comecei tinha sim as que me apoiava né? Eu agradeço muito de coração a todas elas que me apoiaram naquela época anos atrás que era bem difícil pra mim pois eu estava sendo proibida de treinar pelos meus pais né? Principalmente pelo meu pai mas hoje em dia eles me apoiam eles gostam de me ver dançar eles ficam feliz por mim quando eu digo que dancei muito ai fui pro evento dancei bastante, então eu acho que hoje em dia a as mulheres elas estão tendo mais a inclusive mais apoio assim na cena do que antigamente ,mas ainda é uma coisa que tem que ser muito trabalhada porque ainda tem um certo preconceito aí rolando, mas com o tempo a gente vai trabalhando com isso vamos mudar essa cena aí que que que é né? Pra todos e que mais BGirls vem aí se destacando como está acontecendo aí com as meninas nova que estão entrando aí e vai dar certo aí pra todas nós.

**Entrevista com Bgirl Lohane – Dançarina**  
Concedida em maio de 2023 – João Pessoa, Paraíba

**Figura 2 - Bgirl Lohane**



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Eu comecei a dançar em dois mil e dezesseis. Foi quando eu tava lá em Vant através dele que eu soube diferenciar, né? Cada ritmo de break, popping, locking, de aí eu me apaixonei pelo bk e queria só dançar break e aí em dois mil e dezenove eu conheci o projeto da looney tunes, que o projeto se chama Looney kids e como todo mundo sabe só tem homem lá, né? Quando eu fui era só eu de mulher aí eu fiquei retraída porque como só tem eu de mulher fica

até com vergonha, né? E eu fico, caramba, vou ou não vou? Aí eu fui. O magro era super gente boa, ele ensinava, ele ensinava as parada, tal, só que ele sabia que eu ficava com vergonha, então ele mais pro cantinho assim e aí depois com o passar do tempo eu fui me aproximando mais né dos boy aí ficou mais fácil nem tanto porque em relação a incluir a mulher no breaking. Cheio de homem é complicado porque tem a questão de tipo tem certas coisas que mulher é um pouco limitada e os homens não entendem. Por exemplo a gente quando a gente está e naqueles dias está menstruada seu corpo fica mais pesado, você fica com dor e eles não entendem. Uma vez eu vim pro treino e aí eu não posso falar o nome desse arrecado. Fala assim, eu vou falar assim, aí um dos boicotes Tipo assim a o corpo da pessoa fica mais pesado a pessoa não às vezes não está muito afim você não está disposta mais uma vez eu vim mesmo assim porque a gente é teimosa né? A gente vem. Aí um dos boy fez oxe, faz isso aqui eu falei estou conseguindo não. Estou com o corpo pesado. Oxe, que frescura. Não é frescura não pô. Porque eu estou naquele dia aí eu não é nada, não sei o que. Eu falei, que homem não entende, né. Também tem a questão de tipo pra mulher é mais difícil em questão de força. Eh power mofo, por exemplo, não é que você não vai fazer, você consegue fazer, inclusive tem vários vídeos de várias mulheres falando até que muitos homens não conseguem, mas é mais difícil. Às vezes eu tenho que pedir várias vezes pra me ensinar um passo porque eu não aprendo com muita facilidade e homem não tem paciência. Eu peço pra eu ensinar eu faço o não entendi. Explica de novo.

Aí isso é com todos tá? Hum? Acabei de te mostrar pô eu falei sim, mas eu não aprendi uma vez não. Não sou igual os outros boy não. Tem que ensinar de novo. Aí vai Mostra mais uma vez, aí eu, é assim? Caramba, vou ter que se mostrar de novo, pô. Aí eu tá, tá bom, deixa eu, entendi, entendi. Eu não entendi, né? Só que né? Tem que ai ...tá. Ai tá quase vai cortando essas partes...

Mas geralmente, por exemplo, no treino que a gente treina quinta e quinta, né? Noite. Às vezes, tipo, eu quero aprender um passo novo. Aí eu faço, ei, vem cá, me ensina a comer isso aqui. Aí vai, mostra uma vez. Eu não entendi uma vez de novo. Geralmente tem que pegar o celular pra gravar e ficar vendo sozinha porque a gente não tem paciência de sinal não. O mago mesmo. Pronto. Já que vai não vai falar nada né? Então falaram mal. Mago mesmo às vezes eu faço e, passa aqui... eu falei nossa, assim é muito difícil, não é porque eu não quero fazer, mas eu sei que vai ser mais difícil de fazer aquilo vai pô tu sabe fazer quando você soubesse fazer eu estaria fazendo é isso é fácil pô não é fácil mas não entende. Acha que mulher é igual homem pronto. Ele ensinou uma coisa pra mim e pro Mateus. Matheus pegou assim ó. Eu não fiquei assim porque eu não tenho tanta força pra fazer um monte de frio. Eu não consigo

fazer um modo de frio. Porque eu não tenho outra força. Faço aqui ensinar treinamento. Uma boa uma boa como eu posso dizer? E uma das coisas que pesa muito é justamente o condicionamento físico tipo a gente pega as coisas um pouco mais devagar devido a preparação física em relação muscular. É, homem tem mais testosterona, então automaticamente ele tem bem mais força, né? Então, uma coisa que a gente vai demorar sei lá, três meses, eles vão demorar no mesmo tempo. É muito mais fácil. Mulheres calma, não estou dizendo que a gente não consegue fazer, tá? Pelo amor de Deus em nome de Jesus. Só que ela está falando que o processo é um pouco mais lento. Um pouco mais lento.

*Eh tu acha que se na tua formação tipo quando tu começou a a fazer o projeto tu acha que se tivesse uma uma mina também no projeto ou dançando contigo ou também ajudando ou dando aula junto com o mago? Tu acha do desenvolveria muito melhor?*

Sim, não, porque tipo realmente você precisa de um toque masculino também sem entender certas coisas, mas também você precisa. Então é assim, sim. Porque você precisa da mulher lembra no dia que Mari veio aqui? Sim. Eu só aprendi a fazer o três tempo por causa dela. Porque eu estava há um tempão. Pedi ajuda a todos os boy. Falei não né Maurício? Baiano não estou conseguindo fazer isso aqui não. Não sai, não sai, não sai, não sai. Vai tu consegue qualquer jeito e eles não tem paciência de ver porque que você não está acertando se você está fazendo há um tempão marido veio e disse oh se não consegue assim deixa eu ver faz assim pronto consegui era só uma coisa assim porque eles não para pra olhar... e ela, ela até falou, ela até falou da questão da medicação também, mas. Falou. Lembra que ela disse? Pra você programar os seus treinos de acordo com o seu ciclo menstrual ela até falou assim eh um minuto geralmente você vai vim por três e os homens não vai entender porque que você está se sentindo eh cansado pesado está suposta naquele dia vai achar até frescura e não é e realmente não é tá meu filho vocês não sabem o que é uma cólica. Eu vou colocar essa parte, vocês não sabem o que é uma cólica. É, vocês vão com uma cólica. Dói demais. Dói pra caramba. Eu cheguei aqui no salgado também. Ele saiu agora. De tanto que eu caramba estou com muita dor, mas estou com muita dor inclusive uma vez nem fui trabalhar que eu estava com muita dor impossível não é? Mãe eu sentei já com cólica é porque eles não se põem no lugar né não se põe no lugar da gente e não tenta compreender também né a gente tipo tá foda-se acabou-se. Não sei se vai poder botar isso aí que eu vou dizer porque é muito polêmico, mas tipo eh a gente quer tanto se incluir no caso das mulher né? É tanto se incluir no meio que por exemplo, você fica apoiando umas

as outras. Eu vou dar não boto isso no negócio não, né? O nome. Quer dizer, o exemplo chega aqui é sério.

*É tanto que tu foi, que chega certo?*

Foi. Tu viu a batalha acho que foi de um versozão, foi um versozão que uma das jurada era viola, sim, teve uma batalha de Maia contra Naldo. Vou ser analisando tecnicamente tudo, Naldo ganhou de três a em todas as três as três batalhas. Ele ganhou todo mundo votou em menos virou, ela votou em Maia. E nitidamente todo mundo ficou, caralho. E realmente foi, mas não é porque quer votar na mulher. Que quer incluir de todo jeito, entendeu? Que eu acho que ela agiu mal ou tipo, tu entende a o pensamento de viola, tipo pelo menos apoiar a mana. Nesse caso aí ela viu mão. Porque foi antiprofissional. Nesse caso ela vive muito mal porque foi de profissional porque nitidamente quem ganhou foi mal. Mas tipo o pensamento dela já é muito tipo vou botar nela. Porque é mulher e eu quero apoiar. Mas nesse caso aí ela viu? Malqueira profissional. Mas eu acho que os jurados homens também não podem agir também dessa forma.

Tipo não só pelo fato de ser uma mulher contra o homem. Mas tipo só pelo fato deles terem afinidade com aquela pessoa acabar voltando acaba sendo induzido. Eu acho tudo falta de profissionalismo. Inclusive eu vi muito isso. Muito muito mesmo. Sim Eu também. Sim, entrevista. Quer participar, Mona? Ah, mas eu vou, eu vou entrevistar homens também, viu? Eu vou entrevistar vocês também, viu? Entrevistar ele. Vou entrevistar. Ele é superlove. É pro TCC dela. É o meu TCC. Tem problema não. Depois eu falo com você, aí você manda só o áudio assim na sua casa pra dar uma a ideia também saber a opinião deles, saber como é a visão dele em relação a isso. Mas se você pegar o tubo aí não vai ser tão de boa. Sim. Por exemplo, uma amiga minha já ficou com os tênis da Supreme mas tipo assim é o exemplo mais próximo que eu tenho sabe ele é um bosta. Não, Dandara não ficou com você não, é da universidade. E ela tipo, cê ficou um tempo com ele, foi rápido assim, porque chama Interlogo se ligou que ele é um bofinha, sabe?

Já teve uma menina que ela veio com problema, mas foi há muito tempo atrás. Eu nem conhecia ele, acho que foi em dois mil e quinze por aí. Ela era muito boa, ela hoje em dia tá tomada com ela saiu porque antigamente tinha um cara Ele fazia quatro projetos também? Pode ser o maior e a mãe dela entrou ela? Caramba. Tá vendo o problema? Ela tinha quantos anos? Quinze. E o cara aqui certo. Aí tá o problema, tá vendo? Mais um problema aí na história. Eu já tentei treinar com outros boys também lá... tipo, quando eu morava em Santa Rita e tipo, tem um que só queria, tá ligado? Me pegar. Mas meu marido chegou. Valeu. Mas por exemplo,

vamos, vamos dar exemplo da surpresa. Se você for na surpresa logo querendo ver vocês com os olhos pra você?

Tem um uma questão importante, muito importante que eu esqueci de falar. Recentemente foi uma que teve em Goiânia não sei se tu viu. A premiação de foi um versus um X um e um X um. A premiação em primeiro lugar de foi quinze mil. A de segundo lugar de foi cinco mil. A primeira o primeiro lugar que eu liguei foi três meses e o senhor não gasta número quinhentos reais. Até nisso também né? Foi muito pronto até o segundo lugar que o Bigode ganhou mais do que o primeiro lugar do Miguel. Foi muito estressante né? É também agora eu estou puta de novo. É justamente pô é esse o problema porque não é só a fé essa ideia reflete até no próprio né? Tanto em relação aos o salário serem diferente dos homens e mulheres até a premiação é diferente só porque só porque é mulher. Qual a diferença está ligado? Só porque ela é mulher é logicamente tem uma parada ali, mas mesmo assim foi um valor muito excrepante. Por exemplo poderia tipo, ser primeiro lugar pra levar dez mil e pra liguei o nove mil oito mil, por quê? A demanda de Ibiporã é maior, porque de eu participei eu não cheguei. É o quê? Quando ela entrar que eu não cheguei a participar do RED BULL, mas eu fui pra.. só teve oito inscritos pra participar então tipo, dá uma demanda maior por isso que geralmente tem mais valor, mas mesmo assim foi aí das categorias diferente mas eu ainda entendo que é por conta da grande demanda mas ainda tem a questão de que tipo eh pronto não sei o que é certo mesmo. Não teve evento, só era um X um certo que eu quisesse tinha que entrar. É esse o problema. Será que tipo não tem ou tipo, não deixam elas chega aqui na certa daria pra fazer, dividir. Porque tinha muito você percebeu ali tinha muito mas eu também já vi eu não postei foca eu já vi em casa inclusive no Pipa que reclamaram tipo ah não nunca teve eu nunca tenho batalha de não sei o que no de pipa o cara preparou fez o a premiação e voltou pra fazer isso aqui tinha eu não vou citar nome né? Mas tinha acho que um mais cinco vocês, peguei lá sentada, nenhuma participou e quando tem reclama ou e quando não tem reclama. Mas no caso tinha que acertar vento um evento grande ia dar então. Devia ter feito né?

Duas coisas que eu ia falar. A primeira é por mais que por mais que o mago eh tente introduzir, tente apoiar as coisas e não sei o que. Mas tipo não chega não chega. Quando eu não vou eles vão treinar rapaz Num chega que é certo, ele foi fazer a falar dele, aí eu até ia perguntar a ele. Ele disse, foque nas próximas gerações. Porém ele falou mais das de Miguel, Miguel e dos Pinhaizinhos e tipo assim ele deveria ter trazido a fala dele também tipo nas minas também tipo pelo menos citar as meninas do projeto ó tem umas meninas aqui do projeto ó que ele podia falar tu Tipo a ele me viu apontar pra mim sabe? Tipo procurar tipo é foi só um descuido que ele ele

eu acho que foi só antes dele ter falado isso porque realmente ficou muito nervoso é porque você não viu antes de se apresentar ele falou na em questão de próxima geração não foi nem gênero menino ou menina foi de criança mesmo pra criar projeto porque o pronto tu foi pro João Carlos? Não não né? Eh falou assim no gente eh se não for perninha ou fazer evento a Fernanda aqui tem uma pessoa vai morrer não sei o que não sei o que é Lunentune do Kings passa um passou um evento porque eu quero que que cê quer? Jonas, você tem quantos anos? Vai ter o que? Uns trinta e não, deve ter uns vinte e nove, trinta. Quando tu ficar velho, quando festinha, quando inventa, quando o Naldo ficar velho e depois de vocês vem aqui. Se vocês não ensinar as próximas gerações, entendeu? É isso que ele quis falar nesse sentido, tipo, de pegar as criancinhas pra ensinar, todo mundo pra ensinar. Abrir um projeto pra ensinar. Sim, sim. Porque o povo realmente isso é uma mentira que ele falou, não tão preocupado com as gerações. Eu vou falar uma coisa aqui, mas se daí tu não conta pra ninguém. Meu Deus vai ficar gravada, eu estou dizendo que ela não usa contra mim. Pode deixar, pode deixar. Foi perninha, a gente estava no na federação dá sorte na finalização mas aí ele falou assim e aí? Fiquei metade aí os um projeto porque vocês não abrem o projeto também e pra Big Girls pra vocês ensinar é pequena eu tipo eu mesmo não mas é ela ela é uma das que tipo fica mais em cima questão de tipo ai tem que ser mais briguel não sei o que ela é uma das referências mas ela não se dispôs a ensinar outras pessoas aham ela faz o delas e ela é professora né? Ela se formou também no curso no curso que inclusive eu estou fazendo ela se formou também. Eu não vou ser hipócrita porque tipo quando você for conversar com é o que eu gosto muito de tá? Então ela vai ser muito sincera com você pequena também ela é gente boa mas eh está se alimentando mas pequeno, tem um pouquinho de hipocrisia na na fala delas em questão de tipo assim nós mulheres temos que apoiar umas as outras mas quando chega no vamos ver cadê o apoio né só eu. Hm-huh. Porque tipo não elas só fizeram acho que uma vez num evento eh pra poder fazer evento de Miguel. Mas e aí por que que tu não abre um projeto pra esse lado? Menina, com com isso eu digo pra você com e aparecer um monte de menina querendo aprender. Porque quando é aqui um monte de voz. Aham. Eu mesmo, eu fiquei ressaída e com vergonha. Ana, não é porque ela veio, ela ficou toda linda, porque era só menina, que era só menino mais ou menos assim porque tinha eu. Uhum. Porque se fosse ela sozinha aí que ela ficava com vergonha mesmo. Depois apareceu ela, né? Não hoje eu lembro que quando o ano chegou eu já estava aqui, não foi? Foi. Eh eu eu fiquei mais tranquila porque assim entrei na aqui é tipo e eu eu já conhecia Mateus e Jonas por conta da universidade. Aí eu fiz oxi é eles aqui aí de plástico foi tranquilo mas tipo eu sempre também tipo fiquei caramba cadê a mina? Tipo justamente quando eu te vi e eu lembrei de Vante aí você fica mais

confortável. É, justamente, justamente. Aí tipo, eh Tutto, você teria pretensão, tipo, tu acharia tipo, tu daria maior apoio assim, se caso sei lá, tipo, fizesse algum alguma a gente fizesse algum projeto junto com a Luney pra tipo incentivar cada vez mais as meninas que fossem, pode fazer, faz esse esse trabalho misto de homens e mulheres, mas tipo, puser fazer igual Mari. Tipo, trazer um momento como só as meninas pra ver se elas se sentem mais confortáveis, pra ver se elas, sabe estou tipo pra dar aula melhor é seria bom pequeno ou tarde porque tipo querendo ou não eu ainda sou meio iniciativa Algumas coisinhas mas eu ainda sou meio iniciante. Uhum. Aí pra explicar melhor era bom a Bela Vila. Mas com certeza. Se você pegar vamos supor eh misturar homem e mulher pra dar aula. Ah vai ficar legal, tal, tal, agora tá aí uma turma só de mulher. Pode botar até homem pra, pronto, vou dar um exemplo. O mago ele não tá no estúdio? De Viana, né? Aham. Teve no no início do ano, tem um negócio chamado aula você faz uma aula experimental aí lá é é mais é mais como se fosse o show de balé muita menina aí ele inclusive no balé eu nunca vi pra você ver eu nunca vi um homem naquele estúdio a não ser o mago e Mia filho dela. Nunca vi uma humilhação no estande. Você vê. Já é outra problemática. Sim, aí tem essa essa aula experimental. A a sala dele lotou. Lotou tudo doida. Ficaram tudo doida e gostaram muito muito muito. Ficaram tudo doido. Sai tudo sua. E ó tudo comentando. Na hora de fazer ele está no celular ah e tal. Que que elas foram fazer? Oxe estou dormindo. Tudo assim confortável se você tudo agora se fosse só com a sala cheia de ônibus você uma mulher só Deus já fica assim oh fica certo

### Entrevista com Bgirl Dandara – Dançarina

Concedida em setembro de 2023 – João Pessoa, Paraíba

**Figura 3 – Bgirl Dandara**



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Conheci o breaking através de um amigo na minha antiga escola em 2019. Gostei muito de aprender, mas não procurei me aprofundar tanto. Mas, ao decorrer do tempo eu fui me aproximando mais de pessoas desse meio e do movimento, indo pra campeonatos, indo pra treinos, e conseqüentemente, fui me interessando. Até que em 2021 resolvi finalmente me aprimorar nesse meio, e me apaixonei completamente. Hoje eu sou uma bgirl completamente apaixonada pelo breaking e pelo movimento, e não me vejo fazendo outra coisa.

*Você já sofreu alguma opressão, preconceito ou assédio em batalhas, treinos ou eventos de break?*

Pela minha parte, eu nunca tive nenhum desconforto. Pelo contrário, em eventos, treinos e competições eu sou motivada e incentivada pelos bboys e por outras bgirls.

*Você acredita que há representantes mulheres na cena hip hop (principalmente na dança) de João Pessoa? Se sim, poderia citar nomes?*

*Bgirl Jack Keyse, Bgirl Pekena, Karla Olip, Rebecca Moreira, Bgirl Tati. São algumas das mulheres potências na cidade de João Pessoa.*

*Existem redes de apoio, como crews ou projetos para bgirls, seja por parte delas mesmas ou de bboys?*

Existem sim, como o projeto Looney Tunes, que me abraçaram, e me ajudaram todas as vezes que apareci lá. E tentamos nos familiarizar com as bgirls e marcar treinos durante a semana todas juntas.

*Você tem dificuldades para continuar dançando break? Se sim, quais são essas dificuldades?*

Algumas dificuldades em relação aos locais de treino, para me locomover acaba sendo difícil por ter que gastar passagens e pela demora do ônibus.

*Você acredita que bboys e bgirls estão em pé de igualdade, sim ou não? Por quê?*

Não. Estamos lutando para ter essa igualdade no breaking. A maioria dos eventos de breaking tem batalhas isoladas de bboys. Mas não de bgirls, e quando tem, as premiações de bgirls são sempre menores.

*Como você vê a cena de break em João Pessoa, ela é favorável ou não para as mulheres?*

Acredito que estamos trabalhando para isso acontecer. Por mais que a maioria dos bboys fortaleçam a potência feminina, a igualdade ainda não chegou, mas vai.

*Duas perguntas pra ti, existe algo fora essas perguntas que tenha a ver com o breaking e que você passou? Algo que relacione o fato de ser mulher e estar nessa cultura?*

Sim. Como o breaking tem mais bboys do que bgirls, a gente acaba meio perdida. Já tive receio de ir pra viajar pra alguns eventos por quê só tinha homens na van, de ficar receosa de entrar em uma *chyper* por só ter homens. A gente sempre se sente mais tranquila quando tem alguma mulher no meio.

**Entrevista com Bboy Mago – Dançarino, Educador e fundador da Looney Tunes Crew**  
Concedida em setembro de 2023 – João Pessoa, Paraíba

**Figura 4 – Bboy Mago**



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

*Vai ser uma conversa bem simples. Eu vou gravar a conversa. Primeiro ia pedir autorização e como eu te falei, né? Não deixa fazer entrevista boa. E aí tipo assim, eu vou gravar, vou fazer umas perguntas, a gente vai conversando. Pra que quando for no meu TCC eu coloco algumas considerações do que tu falou pra mim está ligado? E aí tipo eu vou gravar no celular mesmo no áudio assim de boa? Pode segurar? E aí tipo assim? Um dois Antes de*

*tudo, aí tem que trazer a tua história. Sim. Fala um pouco da tua história no break. No break como foi a Luney, como começou o projeto. Posso começar?*

Pode começar. É minha história, como eu comecei foi na escola basicamente né? Quando eu tava no ensino médio ainda eu conheci o na escola através de um que foi dar aula lá e esse ele fazia parte de uma acho que acho que foi a primeira crio de da cidade. Se chamava Turma do Bairro. Como é? E nessa crio de break eles tinham um projeto chamado projeto Turma do Bairro. Onde tinha aulas de gratuito pra galera quiser se aprender, então esse primeiro contato que eu tive na escola vamos dizer que não era o ainda. Quantos? Eram alguns passos porque o cara que foi dar aula lá ele também era iniciante então tipo ele passava o conhecimento que ele tinha baseado na nas experiências que ele teve né? Nas aulas que ele teve. Aí quando acabou o ano letivo ele me convidou pra ir pro projeto. E eu fui pro projeto e a primeira aula que eu tive é muito louco porque quando eu saí eu já saí dizendo é isso que eu quero pra minha vida. Então foi esse contato real que eu tive com o Brinca primeira vez num projeto que eu falei não é isso que eu quero pra minha vida. Isso com treze anos. Então daí desde então nunca mais parei. Porque foi esse primeiro contato que eu tive com o Break Foi algo mágico, porque eu pensei que eu me batia com várias vezes na rua, mas eu não parei pra analisar o entendeu? Eu vi o eh hoje mesmo na associação várias vezes eu vi o antes, muito antes de eu saber o que era que eu vi o eu vi o na galera assistindo o eu vi o em apresentação na praça só que eu não parava pra analisar o assim de forma caramba eu quero fazer isso até eu ter a primeira experiência o primeiro contato Então acho também que isso é muito importante você ter o primeiro contato com o breaking então foi basicamente assim que eu comecei a dançar né? Que mais? Como foi a história da Lu? Pronto baseado nisso eu fui pra fazer parte desse projeto e eu me inspirava muito nessa crio, turma do bairro o nome da crio, né? E na minha visão, no meu conhecimento pra eu poder ser um bboy eu precisava ter um grupo. E eu também não via possibilidades de conseguir ingressar nessa Crio Então vamos dizer que foi mais que tipo ah se a galera não vai se eu não vou ter oportunidade aqui eu vou criar meu próprio grupo. Então daí surge aluna e a luney é basicamente é a junção de amigos do bairro de amigos do bairro mesmo que nunca tiveram contato com o bk eh e se tornou um grupo, né? Profissional também, porque hoje em dia não tem só o lance da amizade, mas é um grupo profissional. Então em meados ali de dois mil e sete a gente, eu tive a ideia, né? De formar o grupo A princípio a gente não tinha nenhum nome. Então a gente tentou alguns nomes que não deram certo. Então certo dia a gente estava na minha casa reunido pra tentar pensar no nome tava passando aquele na televisão. Aí a gente fez, porra, Lula iTunes. Vai ser Looney Tunes. Aí pronto, então em vinte de agosto de dois mil

e oito foi onde a gente falou, não, essa vai ser a data de fundamento de fundação da mas já mas já existia antes só que com outros nomes que a gente tentava emplacar o nome mas não conseguia. Aí depois que a gente teve esse insight assistindo o desenho a gente falou não vai ser o Lula iTunes. Então o grupo basicamente se forma assim Amigos do Bairro, sem técnica também, a gente não ligava pra técnica, até hoje a gente não liga, né? A gente não se preocupa se você é um ótimo bboy, uma ótima girl, a gente se preocupa se você ama o bk e se você está disposto a dar sua vida pelo bk como a gente dar. Eu tbm que a looney é uma das crews quem vem se mantendo durante anos, por conta dessa filosofia que a gente tem, de não só ser um grupo profissional que visa o profissionalismo, mas visar esse lance da amizade, da família, da vivência. Então acho que esse é um dos segredos da Looney Tunes.

*E o projeto, quando surgiu?*

A ideia surgiu em 2014, mas só deu início em 2015. Surgiu quando a primeira geração da Looney Tunes tinha umas 13 14 pessoas e como era o ciclo natural daquela época, muitos pararam de dançar e só sobraram 4 pessoas e a gente queria participar de um evento no Ceará, mas o evento só admitia 6 pessoas então naquele momento eu pensei, se a gente não der continuidade a isso, vai morrer com a gente e a crew vai estagnar e não teremos material humano, pra conseguir não só participar de eventos, mas que dê continuidade a crew tbm. Então primeiro intuito foi dar aula de graça, vamos divulgar o breaking, fazer essa divulgação do breaking primeiramente e conforme as pessoas que fizerem parte do projeto forem demonstrando interesse em querer seguir carreira com bk a gente vai testando essas pessoas e colocando na crew. Então a ideia do projeto foi, precisamos de novos integrantes para a Looney Tunes. E junto com isso as aulas de graça pra apenas quisesse dançar breaking sem intuito profissional.

Tá, é... o projeto foi o que me uniu eu conheci o projeto através de outras pessoas que primeiramente me indicou foi eh porque short Gun ele fez o curso de dança. Sim. Já tive uma aula com ele, poder tá finalizando e aí eu tive que manter contato, né? Mantive contato. E aí eu disse caramba queria um lugar e tal pra poder treinar porque eu não consigo treinar sozinha e aí de repente ele vem com a publicação de vocês. Ó, tem esse projeto aqui. E aí eu digo, caralho, meu Deus, uma oportunidade. E aí tipo assim, e aí entra a minha ideia do TCC.

*Eh tu acredita que tipo assim, é igual a introdução das mulheres juntamente com os homens ou tu acha que tem uma diferença entre os homens que vem pra treinar, os homens ou os meninos e as mulheres? Tu acha que tem uma certa diferença?*

Tem muita diferença. Primeiro eu acho que que vem se quebrando isso, né? Mas existe uma diferença muito grande. Porque como eu falei o Break por ele ser uma cultura uma cultura urbana e que nem eu que citei na história da Luna e que são grupo de amigos q se juntaram então é o que? Já é a galera que se conhece no bairro, que já troca ideia no bairro e a grande maioria é homem. E a mulher, principalmente da família, se eu tive resistência na minha família quando eu comecei, tu imagina uma mulher, né Então sempre pra mulher tem mais essa resistência de você fazer e parte de um ambiente principalmente onde a maioria é homem, né? E não só isso a mulher tem o problema também do que não é um problema, mas também é a a dificuldade corporal no sentido de a mulher é a mais voltada pro estilo. Então as big girls elas conseguem desenvolver melhor a questão do estilo, na dança. E os bboys é mais aquela coisa da força dos movimentos. Então, quando você não tem um lugar adequado pra aprender, você quer aprender da forma que eu comecei, que é que é a Luney que começou, na verdade, né, que é um grupo de amigos, que não tem tanta técnica, que não tem metodologia, muitas mulheres e até homens também acabam se frustrando, por quê? Você não consegue desenvolver o bk em um ambiente que você não tem metodologia. Então se você chegar em qualquer crio, em qualquer treino aqui de João Pessoa e fica difícil pras pessoas que não são professores conseguir entender qual é a necessidade de cada aluno. E isso cabe a mulheres também. Então você tem que entender toda a necessidade corporal também que a mulher tem. A mulher A mulher ela tem o quadril mais largo, a mulher eh ela tem seios. Então tudo isso queira ou não, impacta na performance dela no então quando o professor ele entende isso ele consegue aplicar aquilo que a aluna precisa aprender. Então pra mulher tem essa dificuldade. Por quê? Tem poucas mulheres que dançam e dão aula? Tem poucas mulheres que dançam dão aula. Isso vem mudando, mas ainda tem poucas. Então às vezes também cria até uma resistência nas próprias mulheres que querem aprender. Porque ela vai dizer, pô, ali é um local que só tem homem, comé que eu vou lá? E vou querer aprender num local que só tem homem e a gente sabe as conversas as conversas que rolam dos homens e tal, aquilo tudo. Então eu acho que a visão também do projeto da lona e é mudar esse entendimento, é um local onde você vai chegar e você vai dizer, não, eu vou pra lá porque lá tem uma metodologia, lá é uma aula, não é um local onde as pessoas se reúnem apenas pra treinar livremente. Então, tem todas essas questões que causam essa diferença do

homem pra mulher começar a dançar o bk. Então, pra mulher tem muito mais e muito mais dificuldade no início.

*Então tipo assim no caso como tu falou está na intenção da Looney o ambiente, mas é acolhedor pra que as mulheres também possam vir e possam dançar tranquilamente, sentem aquele receio de criar.*

Aqui homens, só homens, então tipo os projetos também da LT e sem os esse ser mais acolhedor, né isso? Isso e também na visão do que a gente vem tentando quebrar isso, né?

*Você sente dificuldades para dar aula para mulheres?*

Não tenho mais dificuldade, para os fundamentos a mulher se sai melhor do que os homens, eu até gosto mais de trabalhar com mulheres porque são mais disciplinadas nesse sentido...

*Existe outra rede de apoio, além da looney que você conhece?*

Não, não conheço nenhum local que tenha aula de graça e não só aula, mas que tenha metodologia e que essa metodologia tenha a finalidade ou de só divulgar o breaking, ou também criar novos bboys e bgirls. O toque feminino sempre agrega em qualquer ambiente.

*Se você tentar inserir mulheres na crew impactaria, nessa questão sexual, de relacionamentos. Perguntei a Wesley se essa questão das mulheres temerem sofrer assédios se impacta na inserção delas na crew.*

Impacta, nós temos uma regra, se é seguida ou não, não sei (risos), você pode se envolver com alguma mulher que queira fazer parte da nossa convivência, mas que haja sentimento e se relacione com responsabilidade. Porque como a gente está lidando com bk, que é algo que une e liga a gente, estamos lidando com responsabilidade também, tipo se você for se envolver com alguém, seja homem ou mulher, entenda a responsabilidade que aquilo está trazendo, para não misturarmos as coisas e não criar um ambiente que quebre esse vínculo de família. Pois isso impacta diretamente na convivência daquela mulher dentro do grupo. Eu já vi isso acontecer, uma membro da crew, que isso aconteceu e acabou com a carreira dela. Porque ela e ele não souberam diferenciar essa relação do grupo e pessoal, e acabou que pesou para o lado mais fraco, ela parou de dançar e ele continuou dançando.

*Esse membro ainda estar na looney?*

Não, saiu, não foi expulso mas não compactuava com a filosofia do grupo, logo não poderia mais caminhar com a crew.

*E pra gente fechar eh de chave de ouro ah só mais umas duas perguntas. A primeira é tipo assim, tu acha que a cena aqui de João Pessoa ela é favorável para as mulheres? Ou tu acha que tem uma certa é... ainda tá um pouco antigo ainda?*

Como eu falei, vem mudando muito, vem mudando muito, né? Mas ainda existe algumas resistências porque como eu falei e às vezes não é não é só culpa eh não é só culpa das mulheres, por exemplo, que nem eu falei, você citou que só existe um local onde você viu que poderia ser possível ter aulas de bk então aqui fica até um alerta também pras outras crews, que é, formem os projetos sociais formem eh essas redes que você possa ensinar não só as mulheres mas também as crianças que não existe e eu até costumo falar que eh tem muita crio e tem muito tem muito grupo hoje em dia e vai se tornar um museu porque eles vão morrer com o deles e não vão passar pra frente. Então hoje em dia ainda assim existe eh essa dificuldade mas já existe locais e o projeto do a looney é um exemplo que você pode ter aula, que você pode aprender o e que você vai se sentir confortável em um local e se você quiser seguir a carreira, você vai ter total apoio.

*E falando do bk, na sua opinião se tiver, quais são as maiores dificuldade pra o bk continuar vivendo ou ele vive ou ele sobrevive aqui em João Pessoa?*

Primeiro eu acho que é o financeiro, né? E não tem condições de você conseguir seguir uma carreira se você não consegue sustentar com aquela carreira. Porém também tem culpa os adeptos do né? As pessoas que praticam o elas tinham que começar a se profissionalizar elas tem que começar a se formar e elas também tem que começar a prestar atenção mais pra esse lado profissional, pra que possa ter um meio de subsistência com e depois disso eu acho que é a questão do repassado é algo tradicional. Você conseguir repassar isso pra outras pessoas. Você formar outras pessoas. Você graduar outras pessoas pra que essas pessoas ela possam, é, elas possam ensinar pra outras pessoas também Porque assim foi comigo. Se hoje eu estou ensinando é porque me ensinaram lá atrás.

Então eu tenho essa dívida de gratidão com o bk, projeto da Looney é totalmente filantropo, não tem nenhum, nenhum fim lucrativo porque eu fiz questão de não. É um projeto social onde você pode vim e dançar break porque na minha época eu não tinha condições de pagar pra aprender, meu pai não ia pagar oitenta, cem reais pra eu aprender o então... e, por um lado é difícil os professores, né? Mas por outro você cria novas gerações através desse pouquinho de

tempo de vida que você gasta. Então eu acho que pro bk continuar subsistindo deve ter primeiro material humano, mais pessoas dançando o e segundo os e as tem que se profissionalizar pra que eles consigam vislumbrar o horizonte profissional, não só ah eu vou dançar porque eu acho legal ou porque eu acho bonito se profissionalizar e começar a pensar também nessa parte como um profissional.

*Um profissional do o bk vive ou ele sobrevive?*

Ele sobrevive. Sobrevive. Sobrevive. Espero que o cenário futuramente seja diferente, mas hoje em dia ele sobrevive. Ele não tem. São pouquíssimas pessoas que digam assim, eu vivo do BK, são pouquíssimas pessoas, eu acho que só me vem na mente uma pessoa, o resto eu não consigo mais pensar. É o Perninha porque ele vem fazendo trabalhos lá fora. Então isso facilita pra ele. Aqui eu sobrevivo. Que eu ainda não vivo, eu sobrevivo.

*Tá fala aí, como o projeto da Luney Tunes pode ajudar as bgirls?*

Eu acho que primeiro na autoconfiança e você se sentir capaz, né? De você olhar e dizer, eu também posso dançar break, também posso fazer isso. Então, eu acho que primeiro é trabalhar a autoconfiança, de você se senti capaz e eu posso dançar Break também. Não é uma coisa de homem. Eu posso também dançar break, eu posso aprender e trazer essa visão, né? Em um local onde você consiga ter aulas e consiga evoluir.

*As bgirls e bboys estão em nível de igualdade?*

Então, eu acho que primeiro essa autoconfiança de você sentir capaz de poder dançar o jeito que tu já falou, mas só pra gente ou se sim porquê. Hoje a nível mundial sim, a nível Brasil não porque a nível mundial é que nem eu falei, não tem comparação com o Brasil, porque lá a as mulheres elas tem locais específicos que traz essa parte mais técnica, tendeu? Então lá tá anos luz a frente do Brasil e se você prestar atenção não é só no bk, no futebol também, no futebol elas recebem muito mais apoio, muito mais incentivo, então a nível Brasil ainda não estão em e de igualdade, porque também a cena é culpada disso, a cena não existe local que você eh tenha metodologia, que você aprenda, o Breaking em si, o bboy na verdade, ele é muito individualista ele pensa muito no seu individual, ele quer ser o campeão, ele quer ser o foda e beleza, nada contra isso.

Porém, eu acho que se você conseguir aplicar o seu tempo, a sua experiência e o seu conhecimento, ensinando pra outras pessoas e em específico as mulheres você vai conseguir

tornar uma cena também competitiva no sentido feminino. Então a nível global já é assim de pé de igualdade com os homens e até melhor. No Brasil ainda não, tipo assim, então a gente está falando do Brasil e existe uma certa diferença entre o machismo e o sexismo, né? O machismo seria basicamente essa ideia de oprimir o sexo feminino, é o homem ao criminoso feminino o sexismo seria passeamento e impor lugares e funções pra cada pessoa. Se for aquela ideia de mulher é na cozinha, o homem trabalha pesado, sabe? Então assim, isso é uma prisão taxista não necessariamente os homens, esses homens eh todos os homens odeiam mulheres, mas pela sociedade. então tu acha que tipo assim, é uma coisa macro que vem no micro, a sociedade?

O Brasil ainda é machista e isso reflete até no né isso? Tipo, o Brasil ainda não tá crescendo com relação ao ouvido, bagunça falou por conta dessa visão ainda, né? E o fator o fator cultural ele é primordial hoje em dia, os chineses estão no top um mundial no sentido do competitivo e acredito que uma chinesa que vai ser a campeã das Olimpíadas ano que vem. Por quê? Porque eles não tem essa visão que você acabou de falar. Então o fator cultural implica diretamente em qualquer esporte ou em qualquer atividade que você vai fazer o Brasil, se hoje em dia ainda as pessoas veem trabalho, principalmente pessoas da minha família, trabalham só significa você pegando pesado, você trabalhar numa fábrica, então daí você já tira qual são a visão dessas pessoas em relação as mulheres. Então eu acho que o fator cultural é primordial pra evolução. Infelizmente no Brasil, a gente tem mais ah a cultura do jeitinho brasileiro pro lado ruim que é o que um chinês, um russo, até um europeu, um americano, eles têm muito mais disciplina do que a gente. Desde cedo eles são ensinados a ter disciplina. Isso implica na qualidade técnica. E desde cedo também eles são ensinados que tanto o homem quanto a mulher eles são capazes de fazer a mesma atividade no sentido técnico.

Vou até gravar, né? Vai que tem alguma coisa. O dia que eu que eu decidi que eu não sei o que é pra minha vida. Quem conhece algum evento de break lá na lagoa. Foi em dois mil e dezoito. Então lá na lagoa e aí se juntou provavelmente vocês estavam mas eu não conhecia vocês na época Teve um evento que do nada eu vi uma única mulher com a Jaque, a Jaque é pequena. Dançando e eu fiz, caralho tem uma mina dançando, como assim? Eu fiz a então se ela tá no celular eu posso ir Aí beleza. Fui tratar alguém pra conseguir e aí eu encontrei os manos que treinavam em Santa Rita. Sei. Aí eu oi tudo bem? Vamos eh e aí como é quando é que vocês treinam? Eu queria colar o treino? Beleza comigo já veio com a intenção, não a que massa vem falar com a gente não. Oi, tudo bem? Vamos sair, vamos pintar, sabe tipo assim? Já? Já foi pelo escravo. Como eu já era nova, eu fui na onda Beleza. Quando eu chego num lugar tipo, ah e aí comé que foi isso? Comé que faz aquilo? Não. Aí tipo, não pô, bora aqui, vamos sair, vamos

ficar ali não. Fica aí. E aí você quebra a magia, que é o que? Eu já passei por mim. Pelo outro lado. Eh eu vi uma pessoa como um chefe, um líder. o espetáculo e eu tava afim de fazer parte hoje, trabalha aquilo e ele agiu dessa forma comigo. Inclusive eu já fiz por que isso, eu pensei que uh-huh. Se fosse algo natural, tranquilo se fosse algo que fosse consolado, mas não é o que liga primeiramente, primeiramente o que tem que ligar é o sim. E depois você vê os pontos em comum, depois de um tempo, então isso meio que fechou rapaz, eu sei que aqui entendeu? Justamente quando aconteceu isso, quando foi dois mil e dezoito, olha quando eu voltei a treinar, em dois mil e vinte não, foi com vinte e um que eu vim pra cá. Vinte anos. É. Dois mil e vinte e um. Quando eu paro e fiz cara, eu vou tentar de novo. Olha o tempo que a pessoa perde. Tipo assim, eu tentei, eu tentei ser em dois mil e quinze. Não consegui, eu tentei, autodidata, né? Não consegui porque na minha cabeça, justamente, vou tentar fazer e já tentei iniciar o mais difícil não tinha metodologia e aí.

Tipo quando estava mais difícil... não consegui em dois mil e dezoito, tentei de novo não consegui. Olha os anjos ! Até chegar em dois mil e vinte e um. Que você perdeu e não poderia ter evoluído. E ainda assim as próprias circunstâncias tipo assim desde que eu entrei eh dois mil e vinte e um foi massa. Passei um tempão aqui com vocês Depois a a vida começou. É tanto que eu comecei a faltar eh o trabalho. Que é a nossa realidade. Já vem do macro pra o mico de novo, né? Também por quê quando você não tem uma galera, principalmente uma galera que esteja no mesmo no mesmo copo que você é mais difícil ainda. Por quê? Eu falo pra todo mundo isso medo por quê aluna e me obriga a que eu esteja no treino toda semana treinando. E aí tudo envolve o magro. Prestação, competição, aula, tudo e faz com que eu tenha que me dedicar pra dançar quando, você não ganha uma galera, não com a galera que esteja ali do seu lado. Bora pro treino hoje? Ei, treino hoje, vou passar aí. Ei, treino hoje, hein? Tal horas tu vai tá lá? Então, é muito foda isso. Verdade. Então eu sempre falo, eu amo mais aluno e primeira aluna depois eu lembrei. Por quê? É a única que você chega no Breno. Primeiro eu amei o primeiro eu amei, ai que parada pode ser feita, depois eu passei a amar a loira, entendeu? Por quê? Foi a Looney que me formou, não só por nós, mas como ser humano também.

Estressante e se você não é uma pessoa que já tem uma boa relação com a mulher que você tem ou com o homem que você tem isso dificulta, sempre que o olhar ... porque ele suga seu tempo, ele é egoísta, ele suga seu tempo. E aí começou poesia... se a galera não vê o que eu falo ó, vai começar uma relação, pega as cartas e bota na mesa. Mostra as perna daquela pessoa e fala ó, o lugar de costa é eu de novo. Foi muita gente não bem-vinda, ali é um exemplo, ele quase parou porque a pessoa não entendia o que ele fazia. E ele passa depressão por conta disso.

A primeira apresentação que foi fazer valendo um cachê vão vindo buscar cinco estrela ela mandou mensagem pra ele e falou eu quero um namorado eu não quero um turista. Caralho, imagina você tiver que focar me apresentando agora e tá aqui direto, não por nenhum aí... o clima todinho já imagina isso, não quero um turista. Verdade. É foda, por isso que eu falo galera, porque muito tempo os pais pensou que eu era contra casamento, contra namoro, contra trabalho, só que não. Eu tentava dizer, tu vai entrar nesse trabalho? Tá precisando mesmo? Não, foi porque teu pai e tua mãe tá dizendo que tu gasta aqui o tempo todinho, vai ganhar aí um salário não precisa disso. Às vezes óbvio que todo dinheiro é bem-vindo aí mesmo?

Ela tem que trabalhar...Tem certeza que tu vai entrar no bk. A pessoa sabe quando eu morava... A pessoa conhece, né? Então muito tempo eu fui visto um cara que, não tô dizendo que não, eu quero ter filho, eu quero casar, eu quero tudo. Porém, sempre colocando dois peso e duas medidas. É tipo assim e como tu falou você tem que projetar pra o futuro e as coisas aos poucos né? Se um dia eu me casar se um dia eu tiver filhos é tipo, projetado pro futuro para se acontecer de novo. Se acontecer? De boa. O problema da galera é que a galera, é que eles não conseguem ter essa visão de dizer assim tô seguro nisso aqui. Eu tô seguro desta pessoa. O que aconteceu? Mas eu tô seguro... escolha antes, mas o que que acontece com a galera? Principalmente hoje. Ele mete os pés pelas mãos e acha que é aquilo ali e vai ser pra cima e acaba se frustrando É. Então tudo isso influencia na carreira do como se a gente não tivesse entendimento já era. Eu tipo, antes, lembra que eu namorava antes? Num era, tipo assim, ele sempre foi uma pessoa totalmente diferente de mim. Sei. Cara, ele tinha aquela visão de tipo assim, sabe,é o rei na Bahia? Só pergunta tá ligado? Tipo assim, uma visão toda diferente da minha. E aí deu problema também na luz... No projeto, várias vezes chamando ele, vai lá conhecer, vai lá e tipo assim, ele também não via de uma forma tão legal, principalmente que aquele, aquela idade do ciúme, que, só tem cara lá, eu não tô vendo uma menina, aí eu não.

Tenho mulheres também que era, na época era só Lorrane e Aninha eu cara, tem também um PO do caramba. Aí mais ou menos assim eu era mais, eu fui bem mais forte. Depois que você entrou, comecei a namorar com a isca. Porque ele também é do bem, só que tipo assim é outra vibe. Aí eu percebo também que eu percebi que impactou bastante. Quando foi essa troca, principalmente assim, psicológico. Namorei outra pessoa, mudei de casa, saí da casa dos meus pais e se impactou numa pena, eu percebi isso, até porque eu de tristeza nunca mais...

Assim, eu era a o tempo todo magro, vai treino feito Santa Rita e ia de vai ter treino? A maior mentira que a galera conta é que os apoio não se atrasa. Não mesmo. É mentira. Totalmente mentira. É isso que eu tô falando. Por mais que você pensar com uma pessoa porque

ela num tá entendendo o que ela tá fazendo. É, fodeu você não vai conseguir faltar e aí você vai ter que ceder. Aí você vai cedendo. Você vai ceder. Eu me orgulho de uma parada até hoje.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>1</sup>

### Dados de identificação

Título do Projeto: CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA – PB

Pesquisadora Responsável: ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Telefones para contato: (83) 99607 - 8028

Nome do voluntário: Dandara Santos

Idade: 21 anos

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA – PB”, de responsabilidade da pesquisadora ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS.

O presente trabalho objetiva trazer uma análise feminista, sobre as realidades de algumas dançarinas de *Breaking* residentes da cidade de João Pessoa-PB, buscando compreender a presença das mulheres nessa dança, predominantemente praticada por homens, e como esse principal aspecto interfere na permanência deste público. A pesquisa se utiliza do método da pesquisa-ação, para que houvesse a construção do trabalho com maior propriedade do assunto, além da utilização de entrevistas guiadas por um questionário base. A análise constatou que sob diversas formas a mulher ainda sofre com a predominância de homens no *Breaking*, que reflete o machismo e sexismo estrutural, seja por meio de assédios ou outras violências, seja pela falta de compreensão que há diferença entre processos de aprendizado, além de diferenças físicas e biológicas. Entretanto, a mulher vem construindo sua própria metodologia de aprendizado, além de buscar redes de apoios que proporcionem ambientes seguros para que *bgirls* e *bboys* possam praticar juntas(os) o *Breaking*.

Eu, Dandara Santos, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

João Pessoa, 10 de setembro de 2023.

Dandara Santos  


Zoelly Cynthia dos Santos  


## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>1</sup>

### Casos especiais de consentimento:

Pacientes menores de 16 anos – deverá ser dado por um dos pais ou, na inexistência destes, pelo parente mais próximo ou responsável legal;

Paciente maior de 16 e menor de 18 anos – com a assistência de um dos pais ou responsável;

Paciente e/ou responsável analfabeto – o presente documento deverá ser lido em voz alta para o paciente e seu responsável na presença de duas testemunhas, que firmarão também o documento;

Paciente deficiente mental incapaz de manifestação de vontade – suprimento necessário da manifestação de vontade por seu representante legal.

Documento adaptado – Curso de Licenciatura em Dança da UFPB.

**Dados de identificação**

Título do Projeto: CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA – PB

Pesquisadora Responsável: ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Telefones para contato: (83) 99607-8028

Nome do voluntário: Lohane Nadígila

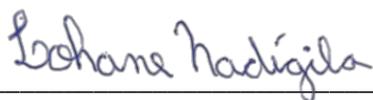
Idade: 21 anos

O Sr. (a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA – PB”, de responsabilidade da pesquisadora ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS.

O presente trabalho objetiva trazer uma análise feminista, sobre as realidades de algumas dançarinas de *Breaking* residentes da cidade de João Pessoa-PB, buscando compreender a presença das mulheres nessa dança, predominantemente praticada por homens, e como esse principal aspecto interfere na permanência deste público. A pesquisa se utiliza do método da pesquisa-ação, para que houvesse a construção do trabalho com maior propriedade do assunto, além da utilização de entrevistas guiadas por um questionário base. A análise constatou que sob diversas formas a mulher ainda sofre com a predominância de homens no *Breaking*, que reflete o machismo e sexismo estrutural, seja por meio de assédios ou outras violências, seja pela falta de compreensão que há diferença entre processos de aprendizado, além de diferenças físicas e biológicas. Entretanto, a mulher vem construindo sua própria metodologia de aprendizado, além de buscar redes de apoios que proporcionem ambientes seguros para que *bgirls* e *bboys* possam praticar juntas(os) o *Breaking*.

Eu, Lohane Nadígila, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

João Pessoa, 10 de setembro de 2023.

  
\_\_\_\_\_

  
\_\_\_\_\_

Nome e assinatura do responsável por obter o

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>1</sup>****Dados de identificação****Casos especiais de consentimento:**

Pacientes menores de 16 anos – deverá ser dado por um dos pais ou, na inexistência destes, pelo parente mais próximo ou responsável legal;

Paciente maior de 16 e menor de 18 anos – com a assistência de um dos pais ou responsável;

Paciente e/ou responsável analfabeto – o presente documento deverá ser lido em voz alta para o paciente e seu responsável na presença de duas testemunhas, que firmarão também o documento;

Paciente deficiente mental incapaz de manifestação de vontade – suprimento necessário da manifestação de vontade por seu representante legal.

Documento adaptado – Curso de Licenciatura em Dança da UFPB.

Título do Projeto: CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA – PB

Pesquisadora Responsável: ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Telefones para contato: (83) 99607-8028

Nome do voluntário: Estela Silva Pereira

Idade: 24 anos

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA – PB”, de responsabilidade da pesquisadora ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS.

O presente trabalho objetiva trazer uma análise feminista, sobre as realidades de algumas dançarinas de *Breaking* residentes da cidade de João Pessoa-PB; buscando compreender a presença das mulheres nessa dança, predominantemente praticada por homens, e como esse principal aspecto interfere na permanência deste público. A pesquisa se utiliza do método da pesquisa-ação, para que houvesse a construção do trabalho com maior propriedade do assunto, além da utilização de entrevistas guiadas por um questionário base. A análise constatou que sob diversas formas a mulher ainda sofre com a predominância de homens no *Breaking*, que reflete o machismo e sexismo estrutural, seja por meio de assédios ou outras violências, seja pela falta de compreensão que há diferença entre processos de aprendizado, além de diferenças físicas e biológicas. Entretanto, a mulher vem construindo sua própria metodologia de aprendizado, além de buscar redes de apoios que proporcionem ambientes seguros para que *bgirls* e *bboys* possam praticar juntas(os) o *Breaking*.

Eu, Estela Silva Pereira, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

João Pessoa, 10 de setembro de 2023.

Estela Silva Pereira

Zoelly Cynthia dos Santos

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>1</sup>

### Dados de identificação

#### Casos especiais de consentimento:

Pacientes menores de 16 anos – deverá ser dado por um dos pais ou, na inexistência destes, pelo parente mais próximo ou responsável legal;

Paciente maior de 16 e menor de 18 anos – com a assistência de um dos pais ou responsável;

Paciente e/ou responsável analfabeto – o presente documento deverá ser lido em voz alta para o paciente e seu responsável na presença de duas testemunhas, que firmarão também o documento;

Paciente deficiente mental incapaz de manifestação de vontade – suprimento necessário da manifestação de vontade por seu representante legal.

Título do Projeto: CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA – PB

Pesquisadora Responsável: ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Telefones para contato: (83) 99607-8028

Nome do voluntário: Wesley da Silva Bezerra

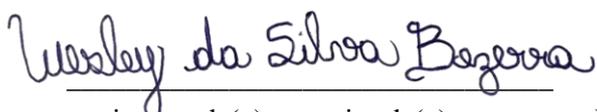
Idade: 28 anos

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “CADÊ AS MANAS? A PRESENÇA DAS MULHERES E SUAS BATALHAS NA DANÇA BREAKING DE JOÃO PESSOA – PB”, de responsabilidade da pesquisadora ZOELLY CYNTHIA DOS SANTOS.

O presente trabalho objetiva trazer uma análise feminista, sobre as realidades de algumas dançarinas de *Breaking* residentes da cidade de João Pessoa-PB, buscando compreender a presença das mulheres nessa dança, predominantemente praticada por homens, e como esse principal aspecto interfere na permanência deste público. A pesquisa se utiliza do método da pesquisa-ação, para que houvesse a construção do trabalho com maior propriedade do assunto, além da utilização de entrevistas guiadas por um questionário base. A análise constatou que sob diversas formas a mulher ainda sofre com a predominância de homens no *Breaking*, que reflete o machismo e sexismo estrutural, seja por meio de assédios ou outras violências, seja pela falta de compreensão que há diferença entre processos de aprendizado, além de diferenças físicas e biológicas. Entretanto, a mulher vem construindo sua própria metodologia de aprendizado, além de buscar redes de apoios que proporcionem ambientes seguros para que *bgirls* e *bboys* possam praticar juntas(os) o *Breaking*.

Eu, Wesley da Silva Bezerra, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

João Pessoa, 10 de setembro de 2023.



Nome e assinatura da(o) entrevistada(o)



Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

#### Casos especiais de consentimento:

Pacientes menores de 16 anos – deverá ser dado por um dos pais ou, na inexistência destes, pelo parente mais próximo ou responsável legal;

Paciente maior de 16 e menor de 18 anos – com a assistência de um dos pais ou responsável;

Paciente e/ou responsável analfabeto – o presente documento deverá ser lido em voz alta para o paciente e seu responsável na presença de duas testemunhas, que firmarão também o documento;

Paciente deficiente mental incapaz de manifestação de vontade – suprimento necessário da manifestação de vontade por seu representante legal.